

## IMEDIATISMO PREJUDICA EMPREENDEDOR BRASILEIRO



Quatro em cada 10 brasileiros já possuem ou estão envolvidos na criação de uma empresa. Mas, apesar do crescimento da taxa, empreendedorismo no Brasil tem um grande desafio: superar o imediatismo. De acordo com o Sebrae, 23% das empresas brasileiras já fecham as portas nos dois primeiros anos de existência | p 12



Recomeçar vida amorosa pode ser difícil para divorciados | p19



Comercial quer transformar Palma Travassos em arena multiuso | p 15



Mendigos-pescadores ganham a vida em "córrego morto" | p 10

População de Ribeirão lê mais que média nacional | p 3

Remédio para TDAH vira febre entre estudantes | p 5

Drags ganham espaço na mídia e inspiram artistas locais | p 18

Brechós fazem sucesso e viram opção em tempo de crise | p 14

Sem abandono: creches para idosos são opção para famílias | p 8

# JORNALISMO UNAERP

## MELHOR CURSO DE JORNALISMO DE RIBEIRÃO PRETO E REGIÃO

### GRADUAÇÃO EM JORNALISMO DE EXCELÊNCIA

Na principal avaliação de ensino superior do Brasil, realizada pelo MEC - o Exame Nacional do Desempenho dos Estudantes (ENADE) - o curso de Jornalismo da Unaerp é Nota 4, numa escala cujo conceito máximo é 5, o que o coloca em 1º lugar entre os cursos de Jornalismo de Ribeirão Preto e região.



É o 1º também entre os cursos de Jornalismo de Ribeirão Preto e região, de acordo com o RUF 2017 - Ranking Universitário da Folha de S. Paulo e 13º curso do Estado de São Paulo entre as instituições privadas.

O curso de Jornalismo da Unaerp conquistou três estrelas na classificação das melhores universidades do país, divulgada no Guia do Estudante Profissões Vestibular 2017 da Editora Abril.



ACESSE O PORTAL DO CURSO DE JORNALISMO. CONHEÇA OS PROJETOS E AS PRODUÇÕES DOS ALUNOS NAS MAIS DIVERSAS ÁREAS, JORNAL IMPRESSO, RÁDIO, TV, FOTOGRAFIA E MÍDIAS DIGITAIS: [WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR](http://WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR)

AGENDE UMA VISITA: (16) 3603-6716

PROCESSO SELETIVO 2018 | INSCREVA - SE  
0800 771 8388 | [UNAERP.BR](http://UNAERP.BR)



Fundado em 1987, o *Jornal do Ônibus* é produzido pelos estudantes da quinta e sexta etapas do curso de Jornalismo da Unaerp (Universidade de Ribeirão Preto) e distribuído gratuitamente aos usuários do transporte coletivo urbano nos principais pontos de ônibus da cidade.

**Reitoria da Unaerp**  
Universidade de Ribeirão Preto  
Profa. Elmara Lucia de Oliveira Bonini

**Diretoria de Ensino, Pesquisa e Extensão - Graduação**  
Profa. Sonia Maria Camargo dos Santos

**Coordenação do Curso de Jornalismo**  
Prof. Geraldo José Santiago



#### Repórteres/Fotógrafos

Edson Alvares da Costa  
Agenor dos Santos F. Filho  
Tainá Martina Colafemina  
Daniela Simi Gariba Silva  
Thuany de Oliveira N. Santos  
Guilherme Moreira Faria  
Gabriela Basso Felici  
Maria Julia M. Chiavenato  
Bruna Almeida de Marchi  
Luana Cristina Vasco  
Maria Júlia Petroni P. Vieira  
Maria Beatriz S. Magdaleno  
Gustavo Simões da Silva  
Edson Eduardo Pegrussi Júnior  
Susana Karen de O. Soares  
Daniela de Assis  
Victória Takahashi Morelli  
Felipe Fernandes Pinto

Artur Vieira Moresca  
Joice Soares da Silva  
Thainan Honorato Fidalgo  
Kleberon Rodrigues  
Maria Luiza Picasso  
Ana Flávia Coneglian  
Giovana Fiacadori Gomes  
Renato dos Santos Pereira  
Guilherme Carlos Dos Santos  
Larissa Tassin  
Luciano Bezerra Da Silva Filho  
Flávia Coltri  
Pedro Henrique Izo De Lima  
Lorena Luciano Vieira  
Vitória Borgi

**Impressão**  
Newcores

**UNAERP**  
Universidade de Ribeirão Preto  
Curso de Jornalismo  
Av. Costabile Romano, 2.201  
CEP 14.096-380  
Ribeirão Preto - SP

#### Edição e Diagramação

**Editor Chefe:** Rafael Reis  
**Auxiliar de Edição:** Maria Luiza Picasso, Tainá Martina Colafemina  
**Diagramação:** João Flávio de Almeida  
**Auxiliares de Diagramação:** Luciano B. da Silva Filho  
**Edição Fotográfica:** Cesar Mulati

# Ribeirão-pretanos leem mais que o restante dos brasileiros

PESQUISA APONTA QUE 67% DOS MORADORES DA CIDADE CONSOMEM LIVROS COM FREQUÊNCIA; MÉDIA NACIONAL DE LEITORES É DE SOMENTE 56%

LUANA VASCO



Vista aérea de livraria

Não é só de bebida que vive a terra do Chope. A leitura também está presente na vida dos ribeirão-pretanos, que estão lendo mais que os outros brasileiros.

Enquanto a média nacional de leitores é de 56%, a dos moradores da cidade do interior paulista está na casa de 67%. O considerado leitor é aquele que leu pelo menos um livro nos últimos três meses, o não-leitor é o contrário disso, e representa 32,3% dos entrevistados.

Esses são os dados da pesquisa realizada pela Fundação do Livro e Leitura de Ribeirão Preto, em parceria com a Unaerp (Universidade de Ribeirão Preto). Foram entrevistadas 600 pessoas, sendo que 56,6% eram do gênero feminino e 43,3%, do masculino.

Os números surpreendem? Não é o que pensa Daniela Tincani, coordenadora e professora do curso de

Publicidade e Propaganda da Unaerp, que fez parte da organização da pesquisa.

Para ela, a Feira do Livro é parte fundamental desse resultado positivo. “Não foi surpresa, porque se pensa muito no leitor e na cultura há muitos anos, a Feira já vai completar 18 anos, então se cultiva muito essa ideia de leitura na cidade”, disse.

Por outro lado, Daniela se surpreendeu ao descobrir que 36,4% dos leitores consideram “ninguém” como influência para sua leitura. “Isso me chamou a atenção para um lado negativo, acho que é um dado que a gente precisava se aprofundar.”

É o caso da advogada Rafaela Martelli Rossi, 29, que acredita gostar de ler pela sua personalidade, e não por influência de algum autor específico. Desde pequena, ela sempre esteve ligada à leitura e com apenas três anos já lia suas primeiras palavras.

Aos 23 anos, ela foi diagnosticada com depressão e encontrou nos livros um alívio para enfrentar a doença. “Os livros foram os meus companheiros nesse momento. Através deles viajei para vários lugares sem sair da cama, conheci a fundo pessoas sem nunca tê-las visto, acompanhei histórias de amor e tragédias. Os livros ajudaram a minha mente a não parar enquanto meu corpo pedia arrego”.

A advogada tem em casa uma biblioteca com 57 livros, além das duas dezenas de obras referentes à sua profissão, e considera ler essencial. “A leitura te dá poder, um poder que ninguém te tira. A leitura é tudo”.

O estudante de jornalismo Pedro Martins, 19, também é adepto a leitura e já chegou a devorar 70 livros no período de um ano.

Seu interesse pela literatura começou aos oito anos por causa do Harry Potter. “Eu assistia aos filmes e, na longa espera pelos próximos, ficava fascinado ao ver meus primos lendo as continuações que demorariam anos para chegar às telas e descobrindo desfechos da história muito antes de mim. Então, comecei a ler a série”.

Pedro tem cerca de 100 livros na sua estante e recen-



Leitora busca novas obras

temente separou mais de 50 para doação. Hoje, mantém em casa apenas livros que gosta bastante e tem interesse em ler novamente. Mas, o estudante também adora ler livros digitais no dispositivo chamado Kindle.

“É pequeno, leve, prático e muito mais confortável do que um livro de papel. Dá para ler até no escuro! Eu aderi e me adaptei rapidamente. Afinal, o que importa é o conteúdo, não é?” ■

# Cidade atrai mais de 200 estudantes estrangeiros

CURSOS DE GRADUAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO DE RIBEIRÃO CONTAM COM INTERCAMBISTAS DE TODOS OS CONTINENTES

LARISSA TASSIN

Os dados são entusiasmantes: atualmente, há aproximadamente 230 alunos estrangeiros de graduação, pós-graduação, pós-doutorado e pesquisadores estudando no campus da USP (Universidade de São Paulo) em Ribeirão Preto.

Quem comenta as informações é Fernanda dos Ramos Almeida, membro do Grupo Coordenador das Atividades de Relações Internacionais do Campus de Ribeirão Preto da USP – GCARI-RP. Ela explica que desde 2013 o campus de Ribeirão já recebeu pessoas de 59 nacionalidades diferentes, e atualmente conta com estudantes e pesquisadores oriundos de 39 países.

No Brasil desde fevereiro, Marina Caleja Campos é francesa, iniciou os estudos em Administração na TELECOM SudParis.

Atualmente, está fazendo intercâmbio de sete meses na FEA-USP (Faculdade de Economia e Administração

da USP em Ribeirão Preto).

Primeiro, a estudante da França conta que escolheu o Brasil “porque parecia ser um país lindo. Todas as fotos que eu podia ver sobre este país me encantavam. Mas, também há a influência da minha cultura portuguesa, que fez com que eu quisesse vir para cá”, explica.

A intercambista é filha de pais portugueses e conta que já estava acostumada a visitar Portugal com frequência. Por isso, decidiu cruzar o Atlântico para desembarcar em as terras tropicais.

Marina comenta ainda sobre a cidade e a qualidade de ensino da universidade que a acolheu. Para ela, “a USP era a minha primeira escolha. Além disso, é considerada como a melhor universidade da América Latina, e Ribeirão é conhecida como a Califórnia Brasileira, onde o calor ‘bate muito”.

A intercambista francesa não deixa de mencionar as diferenças na educação superior entre sua terra natal e no Brasil: “em relação

às aulas, acho muito interessante pela forma como os professores ensinam com trabalhos em grupos, o que prepara os alunos para fazer parte de uma organização”.

E diz que lá o sistema de aulas “parece mais rígido: vários professores vão impedir você de entrar se estiver atrasado; para sair da aula você tem de esperar pelo fim; tem de pedir para ir ao banheiro e coisas assim. Isso torna a escola num clima que não é tão legal como estou vivendo aqui. Além disso, lá não existem aulas noturnas”.

Marina ficará no Brasil até julho deste ano e encerra a entrevista com um relato de satisfação: “estar aqui é mesmo como viver um sonho acordada”.

## ENSINO PRIVADO

O processo de internacionalização não é uma exclusividade da USP. As instituições privadas de ensino superior da cidade também estão se expandindo para o Brasil e atraindo estudante de outros cantos do planeta.

A Universidade de Ribeirão Preto (Unaerp) conta com o PROMOB (Programa de Mobilidade Internacional), que organiza visitas técnicas ao exterior, cursos de curta duração, graduação, pós-graduação, programas de mestrado e doutorado.

Além disso, a instituição também está recebendo alunos internacionais em seu campus. De acordo com a Divisão de Cooperação Internacional e o Núcleo de Intercâmbio, são três alunos intercambistas cursando atualmente seus cursos integrais: Sandra Melissa Aguiariano Sanchez, de Honduras, que cursa Relações Internacionais; Fernando Afonso Marrengula, moçambicano que está fazendo doutorado em Tecnologia Ambiental, e Monica Celeste Ossambú Djú Brasemb Dacar, africana de Guiné Bissau, que estuda Relações Internacionais.

A história de Sandra é a que mais diferente das outras. Ela desembarcou no Brasil em 2015 para estudar português na Universidade

Federal Fluminense (UFF), no Rio de Janeiro.

Dois anos atrás, mudou de ideia e passou a cursar Relações Internacionais na Unaerp. Seus estudos fazem parte do programa de mobilidade internacional do governo de Honduras. Como não falava português, ela conta que sua maior dificuldade, pelo menos em um primeiro momento, foi aprender o nosso idioma. E complementa: “ficar longe da família por tanto tempo também é bem difícil”.

A hondurenha afirma que a educação superior no Brasil é muito qualificada.

Segundo a estudante, “os professores brasileiros são muito bem preparados, têm a paciência e o conhecimento necessários para educar e no que concerne ao sistema federal, que é onde eu fiz o curso de inglês, eu acho que ainda tem algumas deficiências”. Sandra ainda afirma que as pessoas no Brasil são mais legais, receptivas e hospitaleiras do que na maior parte dos outros países. ■

# Tratamento dá esperança a portadores de Esclerose

VITAMINA D É USADA PARA AMENIZAR OS SINTOMAS DA ESCLEROSE MÚLTIPLA, MAS NÃO É UNANIMIDADE ENTRE MÉDICOS



Vitamina D pode ajudar no tratamento da EM

## LUCIANO FILHO

É comprovado que grande parte das pessoas que possuem doenças neurológicas apresentam falta de vitamina D no organismo. Foi embaixado nessa constatação que surgiu o tratamento com altas doses da vitamina, desenvolvido pelo doutor e neurocientista Cícero Coimbra, há 11 anos, em São Paulo.

Uma das patologias que passaram pelo tratamento foi a Esclerose Múltipla (EM),

uma uma doença neurológica, crônica e autoimune, na qual o revestimento dos neurônios sofre um ataque das células do sistema imunológico, resultando na interrupção do fluxo normal dos impulsos elétricos. Justamente pelo fato desse dano poder ocorrer em diferentes locais, os sintomas de cada um podem variar.

Cerca de 1.500 pessoas em todo o Brasil passaram oficialmente pelo experimento, utilizando vitamina D para amenizar os sintomas da Es-

clerose Múltipla. Segundo o Instituto Protocolo Coimbra, criado para realizar a divulgação do método e tentar tornar o tratamento aprovado pela comunidade científica, cerca de 85% dos pacientes apresentaram melhoras significativas, capazes de tornar a vida completamente normal, com a ausência dos sintomas.

João Garcia Roque Da Silva é portador de EM há 5 anos. Desde então, faz uso do tratamento. Foi em uma busca pela internet, norteadada pelos conselhos da avó, que ouviu falar sobre isso em um programa matinal, por onde ele tomou conhecimento do método. “Quando descobri que tinha Esclerose Múltipla foi um verdadeiro choque, eu e minha família ficamos muito abalados é claro, mas assim que soube e fiz algumas pesquisas pela internet, passei a ficar mais otimista” disse ele.

Para o médico de João, esse tratamento era pouco ortodoxo, já que ainda estava em fase de testes e não havia garantias de ser 100% eficaz. Porém, isso não o desanimou. “Contei para ele que havia um surfista muito famoso que ti-

nha EM e também fez uso do tratamento com vitamina D, então também queria fazer”.

“Depois de algum tempo tomando a vitamina, já sentia a diferença. Minhas mãos foram parando de tremer, minha coordenação foi melhorando e minha sensibilidade também foi voltando. Era muito ruim porque eu trava e não conseguia me mexer. Quando eu dava uma piorada, aumentava a dose da vitamina de 60 mil unidades para 120 mil e ia ficando melhor. Hoje tenho uma vida normal”. Segundo João, ele exporta as vitaminas ou as faz em uma farmácia de manipulação de São Paulo e que o tratamento com a vitamina é relativamente caro. Cada frasco custa em torno de R\$ 80 a R\$ 120. Porém não tão caro quanto seria o método convencional.

Em pesquisa realizada com sete neurologistas de Ribeirão, todos disseram que o tratamento pode ser eficaz, porém, não há as garantias que o tratamento convencional apresenta, nem todos os anos de estudos realizados para desenvolver o tratamento.

Em todos os casos de pa-

cientes tratados com a vitamina, não houve nenhum efeito colateral. Entretanto, há uma restrição alimentar que proíbe os pacientes de ingerir lactose --também não houve retrocesso no quadro de melhora, o que põe em cheque a opinião de grande parte dos médicos que não recomendam esse a adoção desse método para a população.

Outra pessoa que também enfrenta a doença com as altas doses da vitamina, mas prefere ficar no anonimato, conta que desde que começou a fazer o tratamento percebeu melhoras significativas em seu quadro. Ela conta que de vez em quando tem crises o que não atrapalha sua vida, mas que suas doses são de 10 mil, bem menos do que as de João, o que evidencia que quanto maior é a dose, melhores são os efeitos.

O Instituto Protocolo Coimbra e o médico Cícero Coimbra lutam na Justiça para conseguir investimentos, tornar o tratamento mais conhecido e também aprovado pela comunidade científica, assim como as mais de 1500 pessoas que foram privilegiadas. ■

## Anna e Mia: as piores amigas

OS TRANSTORNOS ALIMENTARES SÃO DOENÇAS CADA VEZ MAIS FREQUENTES E PRECISAM SER TRATADOS COMO DOENÇAS

## VICTÓRIA MORELI

A estudante de 18 anos Marina Pacheco convive com a compulsão alimentar desde criança. Há quatro anos, devido a uma forte depressão por não aceitação do seu corpo, começou a sofrer de anorexia e bulimia.

“Quando eu comecei a pesquisar dicas para me livrar da fome, eu descobri que tinha um nome carinhoso para a anorexia e bulimia, que é ANNA e MIA, e elas foram minhas melhores amigas por muito tempo”.

Durante dois anos, Marina conseguiu esconder a doença da família, que achava que ela estava emagrecendo de maneira saudável. Ela conta que não comia absolutamente nada, e quando comia, era

só uma caneca pequena de farinha láctea por dia. Mesmo assim, era o suficiente para deixá-la com um peso enorme na consciência. “Se eu tivesse que fazer uma refeição completa, antes de comer eu tomava muito laxante, pois na minha cabeça já ia fazer efeito e meu corpo não ia absorver nada da comida”.

Segundo a psicóloga Melina Vendrusculo, esses distúrbios são regidos por um conjunto de fatores psicológicos, biológicos e ambientais. A anorexia é um transtorno alimentar que está ligado a um padrão particular de personalidade. A bulimia é uma forma de compulsão, já que o doente se alimenta de maneira excessiva e busca efeitos

purgatórios para compensar os episódios. Outra forma de compulsão mais conhecida é a ingestão de alimentos de forma exagerada em curtos períodos de tempo.

Outro caso de anorexia nervosa é a história da Nádia Souza, hoje formada em nutrição. Aos 16 anos, ela também não se sentia confortável com o próprio corpo e começou a mudar sua alimentação “Diferente do que acontece em outros casos, a minha mãe percebeu logo de cara que alguma coisa estava errada, porque eu sempre fiz questão de sentar a mesa com ela e com meu padrasto e eu não fazia mais isso”.

O que os dois casos têm em comum é que tanto Mari-

na, quanto Nádia, tinham em mente que estavam apenas fazendo uma dieta restritiva e que possuíam total controle de suas ações.

De acordo com a psicóloga, a principal dificuldade está nos pacientes admitirem que o problema é grave, e até isso acontecer, a doença já tomou proporções maiores, causando complicações físicas. “Eu só percebi que estava doente quando eu vi que estava machucando quem eu mais amava, no caso a minha mãe, e descobri que a nutricionista ligava para ela quase todas as noites para prepará-la para o pior, pois eu não aceitava o tratamento”.

Para os especialistas, a busca pelo corpo ideal que os padrões estéticos impõem cola-

bora para o surgimento dos transtornos alimentares. Marina afirma que quando sentia fome ou vontade de comer, ela ligava o computador e passava horas olhando fotos de modelos da Victoria's Secret. “Eu pensava que se eu quisesse ser bonita eu teria que ter o corpo igual ao delas e pra isso, eu não podia comer. Eu tinha vontade de colar essas fotos na porta da geladeira, mas os meus pais não podiam saber”.

O tratamento para distúrbios alimentares compreende atenção psicossocial (psicoterapia, grupos de apoio e terapia de suporte). Muitos casos necessitam de combinação com terapia medicamentosa e em casos mais graves, institucionalização. ■



Problemas na alimentação levam a distúrbios psicológicos



Transtornos alimentares são graves



Para aumentar a concentração, estudantes procuram pela Ritalina

# Estudantes apelam a droga para aumentar rendimento

PARA ALGUNS ESTUDANTES, O FÁCIL ACESSO CRIA UMA CULTURA DE USO INDISCRIMINADO, MUITAS VEZES SEM PRESCRIÇÃO MÉDICA

BRUNA MARCHI

Entre livros, 50 horas de estudos semanais, conteúdos acumulados, pressão profissional, cobranças em tempo integral e plantões de 12 horas ou mais, Hélio Mendes (nome fictício), 24 anos, aluno de Medicina, apela à automedicação para ter um rendimento maior nos estudos.

Criada por volta de 1950, a Ritalina é um dos nomes comerciais de um medicamento chamado Metilfenidato, que é utilizado por crianças com transtorno de atenção ou déficit e hiperatividade. Porém, com o passar dos anos, esse medicamento passou a ficar famoso e ser consumido entre os adultos e jovens que acham necessário aumentar a concentração e render nos estudos e trabalhos.

Esse é o caso do Hélio, que passou pela fase do vestibular e ao ingressar na universidade começou a se automedicar com frequência, com comprimidos de Ritalina. Segundo ele, a partir do segundo ano do curso, a droga tornou-se “essencial”.

“Utilizo a Ritalina para estudar nas semanas de provas. São aproximadamente cinco a seis comprimidos na semana, mas já utilizei para viajar, pois quando vou para a cidade onde minha família mora, fico na estrada por oito horas”, explica.

Para o estudante, utilizar

o medicamento aumenta a concentração, deixa o pensamento mais leve e se torna fácil focar por mais tempo em alguma leitura ou estudo. “Sem o remédio consigo ficar duas horas estudando. Com ele, quatro horas passam rápido e ainda consigo retornar após pausas”. Segundo o universitário, não há dificuldades para conseguir a receita, pois como os amigos têm a prescrição, recorre a eles quando necessário. “Pego as receitas com meus amigos porque só me automedico quando tem matéria acumulada. Utilizo sempre pela manhã ou no começo da tarde para aproveitar melhor”.

Para iniciar os estudos algumas semanas antes da prova, o aluno diz que é essencial o consumo do remédio. “Meus estudos começam muito antes das provas. Estudo diariamente de uma a três horas e nos finais de semana, usando a Ritalina, estudo umas oito horas ou até mais, se precisar.”

## EXPERIÊNCIA

Já Tulio Oliveira (nome fictício), 19, estudante de webdesign e músico, começou a ficar preocupado e surtar após terminar o terceiro ano do Ensino Médio. Vestibulares, estudos, cobranças e sua banda de rock foram o ápice para procurar medicamentos que despertassem a concentração e consequentemente oferecessem bons resultados no dia a dia.

“Fiquei sabendo que tinham alguns caras mais velhos que já estavam na faculdade e vendiam medicamentos, como a Ritalina mesmo. Foi bem fácil comprar, todos os meus colegas compram e apenas mandei uma mensagem no What-

... O TDAH é um transtorno metabólico neural que resulta em comportamentos mal adaptados. Os mais comuns: impulsividade, agitação, dificuldade em manter-se quieto ou parar de falar; dificuldades para manter atenção em atividades muito longas, repetitivas ou que não sejam interessantes para o indivíduo; facilidade de distração por estímulos externos ou pensamentos “internos”, dando a impressão de estar “ausente”.

sApp de um amigo para ele fazer a ponte. Pronto.

A Ritalina estava na mão.”

Segundo o estudante, ele ingeriu o medicamento apenas uma vez para ver como era e se realmente estimulava a concentração. Em paralelo aos estudos, Tulio tinha uma banda, e isso também tomava conta do seu tempo, além das co-

branças serem frequentes.

No final das contas, utilizou pela primeira vez o medicamento para decorar letras de músicas, pois tinha um show logo no dia seguinte. “Decorei as letras, mas no outro dia fiquei lesado, cansado, com dor de cabeça e desmaiando”. O estudante finaliza enfatizando que conseguiu decorar tudo o que precisava no dia, mas não arrisca tomar novamente o medicamento, devido aos efeitos reversos indesejáveis.

## MALES

Guilherme Riccioppo Rodrigues, formado na Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro e Doutor em Neurologia pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, afirma que a Ritalina é um dos nomes comerciais de uma medicação chamada Metilfenidato.

“Essa medicação atua aumentando a liberação de dois neurotransmissores no cérebro: a noradrenalina e a dopamina, fazendo com que uma região cerebral chamada Sistema Reticular Ativador Ascendente fique estimulada”. Por esse motivo, o nível de atenção e alerta aumenta, estimulando a concentração para realizar alguma tarefa, finaliza.

Em virtude desse efeito, o Metilfenidato é indicado para o tratamento de uma doença conhecida por Transtorno do Déficit de Atenção (TDA). Guilherme

ênfatisa que é uma doença genética que leva a um déficit atencional e de condições que causam hipersonolência diurna, como a Narcolepsia.

“Além do monitoramento dos efeitos colaterais, é papel do médico realizar um diagnóstico preciso, pois condições como o Transtorno de Ansiedade Generalizado, que também é uma causa importante de déficit de atenção, podem piorar com o uso do Metilfenidato.”

Para pacientes que não apresentam o TDA, uma melhoria relevante não será notada de forma positiva. “Esses sujeitos terão efeitos colaterais indesejáveis como perda de peso, insônia, taquicardia, nervosismo, instabilidade do humor e tontura.”

De acordo com o médico, deve ser feito um trabalho de educação dentro das instituições, com ênfase no planejamento de estudo, para diminuir a incidência de automedicação sem nenhuma prescrição médica.

“Sei de pessoas que conseguem essa medicação e outras medicações de forma ilegal, e isso é bem preocupante”, afirma.

Ele finaliza alertando que esses casos são duplamente perigosos, pois além da ausência do seguimento médico, não possuem controle algum da origem dessa medicação, podendo ingerir placebo ou eventualmente alguma substância tóxica de forma inadvertida. ■

# Término de relacionamento pode até virar doença

QUEM NUNCA SOFREU DE AMOR? MAS, ÀS VEZES, ESSE SENTIMENTO FICA TÃO PESADO QUE PRECISA DE TRATAMENTO MÉDICO



Amor também pode se tornar doença

## GUILHERME CARLOS

O início de um relacionamento é sempre romântico: um casal se apaixona, sente aquela vontade intensa de ter a pessoa amada por perto, pensa nela durante todo o dia, faz planos e juras de amor. Tudo caminha perfeitamente para um possível “final feliz”, mas na maioria das vezes não é bem assim que ele acaba. Afinal que atire a primeira pedra quem nunca sofreu com uma desilusão amorosa.

Chorar durante alguns dias ou semanas é absolutamente normal, mas mais que isso pode se tornar um grave problema de saúde. E aí procurar ajuda é fundamental.

O estudante João Victor Holtz, 20, carregou o fardo do término durante dois anos até ir atrás de uma psicóloga que o receitou um antidepressivo. “Tomei durante 6 meses, aumentando e diminuindo as

doses até decidir parar por estar quase o dia todo dopado”.

Muitas vezes, quando aparece os primeiros sintomas dessa doença do amor, o afetado busca se automedicar, o que pode ser um erro grave já que o uso de um medicamento pode anular ou potencializar o efeito do outro. O uso de remédios de maneira incorreta ou irracional pode causar, ainda, reações alérgicas, dependência e até a morte.

A advogada Ana Beatriz Coneglian, 24, teve problemas com o fim do relacionamento e passou a se medicar por conta própria. Tomou Rivotril, que conseguia de forma “ilegal”. Depois de uma discussão, ingeriu uma quantidade excessiva do remédio e misturou com outros medicamentos.

“Fiquei desacordada um bom tempo, tive que fazer um procedimento no hospital depois porque poderia causar derrame”.

## AJUDA MÉDICA

Para o psicólogo Rafael Lima, o primeiro passo para a recuperação é aceitar o fim “O término de um relacionamento não significa que este tenha dado errado ou que os parceiros (ambos ou um deles) sejam culpados, cabe nos avaliarmos, permanentemente, sem cultivarmos sentimentos de culpa.”

Segundo o especialista, nossa mente nos sabotamos o tempo todo nos fazendo acreditar naquele velho clichê: de que você não é merecedor de amor e que acabará ficando sozinho caso seu relacionamento chegue ao fim.

Entre os distúrbios mais comuns está a ansiedade. Ela não é algo exclusiva de terminos, porém pode se agravar com o trauma. Outras doenças e distúrbios comuns são: síndrome do pânico, gastrite, insônia e depressão.

Em casos mais extremos como o de Carolina (Nome Fictício), 24, um término problemático pode agravar ainda

mais os problemas. Ainda em seu relacionamento, ela fazia tratamento psicoterapêutico e estava em reta final. Em 2016, ela se mudou para outra cidade para fazer faculdade e aí as brigas acabaram se tornando algo rotineiro.

“Além do ciúme excessivo, ele vivia falando que não gostava das minhas amigas e também tinha alguns pontos nele que eu não concordava e queria mudar a todo custo. Ele tinha ciúmes das roupas que eu usava na faculdade, não gostava de saber que eu ia a eventos com amigos homens”, afirma.

O parceiro de Carolina não aceitava o término do relacionamento e insistia para que reatassem dizendo que se mataria caso isso não acontecesse. Mas segundo Carolina, não havia mais como voltar. Então seu ex passou a ligar para ela com números diferentes para que ela não pudesse bloqueá-lo. Com todos esses problemas a ansiedade dela voltou a ficar crítica, seus

remédios para dormir já não surtiam efeitos e ela procurou ajuda em outras drogas.

Passado alguns meses, Carolina retornou para sua cidade natal para passar alguns dias, e uma noite, percebeu que estava sendo seguida pelo seu ex “Teve um momento que perdi o foco da direção e ele jogou o carro dele em cima do meu. Para não bater, desvivei e quase acertei um poste. Minha salvação foram os freios ABS do carro que eu dirigia”.

Para o psicólogo, o processo de superação pode ser mais ou menos longo, dependendo de uma série de fatos como, por exemplo, ter outras fontes de afeto.

“Quando a pessoa tem outros vínculos importantes e outras razões de viver, ela mais facilmente elabora o luto e faz do antigo relacionamento uma bonita lembrança, ligada ao seu passado. Amigos e familiares são muito importantes”. ■

Acesse [www.jornalismounaerp.com.br](http://www.jornalismounaerp.com.br) e confira a cobertura do Jornal do Ônibus na Feira do Livro

# Amor paliativo

**PADRE JOSIRLEI SILVA LEVA CONFORTO PARA DOENTES QUE ESTÃO EM FASE TERMINAL**

**GUSTAVO SIMÕES**

*Padre Josirlei Aparecido da Silva, da paróquia Santa Terezinha D'Ávila em Ribeirão-Preto realiza trabalho de capelão do Hospital das Clínicas de Ribeirão-Preto (HC). Atuando na ala dos cuidados paliativos, ele procura deixar a morte menos dolorosa dando uma palavra amiga aos pacientes que já estão em estado terminal. Confira abaixo o depoimento que conta a história desse trabalho.*



## PALIATIVOS

Quando vim para Ribeirão-Preto para ser vice-Reitor, o Bispo Dom Arnaldo me disse “você vai ser o capelão da unidade de emergência”, e eu fui. Eu tive apoio da assistente social, de uma enfermeira e de um médico. Eles foram fazendo eu entender o que eu estava fazendo ali. Com o tempo eu fui ficando apaixonado e

não larguei mais. Fui imposto para esse trabalho e hoje faço isso com a maior alegria, identifiquei-me demais.

Nos cuidados paliativos, quem me convidou foi o Dr. Antônio Pazin Filho, que me entregou um texto nas mãos explicando o que era os cuidados paliativos. Eu li o texto e não entendi muita coisa, conversei com

o bispo e resolvi participar porque o médico confiou em mim. Desde 2009, estou nos cuidados paliativos.

## Primeira vez que chorei

Teve um caso em que eu entrei na CTI e lembrei de uma passagem bíblica de Jesus na cruz, já no ápice, admitiu os pregos, pendurado e com febre vendo as pessoas ao seu redor e sabendo que iria morrer. De repente, ele grita: tenho sede. A paciente me disse “tenho sede, eu tenho sede”, a gente sabe que o paciente quando está nessa fase ele pode tudo o que ele deseja, só que ninguém oferecia água para ele, é uma coisa simples.... Aí eu saí correndo e comecei a chorar. Imediatamente, liguei para uma enfermeira que é dos cuidados paliativos e disse olha vem aqui que tem uma situação que está me incomodando.

Ela percebeu que eu estava chorando e me disse “Padre, o senhor podia ter pegado a água também e só dar a sensação de água na boca dela”. Na hora, fiquei tão impactado que o raciocínio não vinha. Essa foi a primeira vez que eu chorei, e lembrando dessa passagem bíblica de Jesus na cruz, ele teve sede e nossos pacientes também têm, não somente sede de água mais também sede de tantas outras coisas.

## Histórias

Eu conheci um menino chamado Isac, ele tinha um encurtamento e já faleceu. Quando o conheci, a perspectiva de vida dele era pouca. Quando cheguei ao quarto, ele estava com um boneco do Patatá. Ele não conhecia o padre, só conhecia o Patatá. Ele tinha 6 anos. Saindo dali, fui até o banco e conversei com minha gerente ela disse que tinha o telefone do produtor do Patati Patatá e me deu o número.

Eles vieram até o hospital e fizeram uma bagunça no bom sentido. Os médicos viraram crianças, o porteiro até dançava e pensei comigo “olha que engraçado desejo de um contágio muitas pessoas.” A partir daí, eu conheci o Patati Patatá. Nesse dia eu virei fã deles, porque eu cresci com balão Mágico não com eles.

O Isac, quando viu eles, chorava, balançava e não tinha um que não chorava no hospital. Foi aí que percebi que poderia fazer algo a mais pelos pacientes. Esses pedidos dos pacientes nascem de uma conversa. Eu ouço, se tiver ao meu alcance, eu faço, mas se não conseguir, eu não fico frustrado porque eu nunca prometo nada.

## Outras religiões

Quando eu entrei no hospital, sabia que teria que ser capelão e atender à comuni-

dade católica. Mais eu era o único reconhecido pela unidade de emergência e tinha que abrir portas para outras crenças. Então os pacientes me falavam “eu sou evangélico”, eu ligava para o pastor da igreja e dizia tem um irmão seu aqui e pedia que viesse até o hospital. Com isso, fomos criando parceiros e tendo parcerias, por isso eu não tenho dificuldade.

Temos um menino aqui que é da Congregação Cristã, eu combinei de passar a madrugada com ele assistindo Netflix. Eu brinco que temos que olhar além do muro, além dele tem tantas coisas bonitas, se eu parar no muro eu penso que só a minha igreja salva, quem salva é Deus, a minha igreja tem o intuito de ajudar. Se Deus permitiu que existisse um luterano, presbiteriano, neopentecostal, ele permitiu para que nós vivêssemos entre irmãos.

Nós aqui somos uma família e dentro do hospital nós não podemos doutrinar, a salvação se dá mediante ao amor de Cristo através de nós. Aqui criou-se uma rede, a relação minha com os pastores, com os espíritas e da coragem da psiquiatra Dra. Catalina Camas Cabrera, nós somos uma Liga da Justiça, uma rede de apoio espiritual aqui dentro.

*Padre Josirlei Silva, em depoimento para Gustavo Simões, do Jornal do Ônibus.*

# Fieis se unem para reconstruir igreja em Guariba

**MATRIZ ESTÁ FECHADA DESDE OUTUBRO EM VIRTUDE DE INCÊNDIO; VALOR DA REFORMA ESTÁ ESTIMADO EM R\$ 2,5 MILHÕES**

**SUSANA KAREN**

Em Guariba, cidadezinha com aproximadamente 35.500 habitantes, no interior de São Paulo, no lugar da Igreja Matriz de São Mateus, com capacidade máxima de 480 a 500 pessoas, hoje reina um espacinho pequeno no Salão Matriz São Mateus para

Além dos tradicionais bancos de madeira, há os bancos de plástico que foram comprados de improviso.

Mas, mesmo assim, nos domingos à noite, alguns fiéis precisam ficar de pé. Essa é a realidade dos fiéis guaribenses desde o incêndio destruiu a Igreja Matriz da cidade.

O incidente aconteceu em 9 de outubro do ano passado, há sete meses, e o tempo até agora não foi reconstruído.

Enquanto o novo templo não fica pronto, os devotos tentam resolver as questões inesperadas como podem. As celebrações foram transferidas da Igreja Matriz para o Salão Matriz e entre as comu-

nidades. Mas, continuam com os mesmos horários e acrescentaram apenas um às 17h, no domingo.

Os batizados foram transferidos para a Comunidade Nossa Senhora Aparecida, localizada a 1 km do centro da cidade. Já os casamentos acabaram divididos entre a Capela Santa Rita de Cássia e a Capela Nossa Senhora dos Migrantes, posicionadas a 1,2 km e 1,5 km da Igreja Matriz de São Mateus, respectivamente. Entre os casórios, estava o de Jéssica Caporusso e Sidney Gandini, que estava agendado para dezembro.

“Era um sonho se casar na Matriz, por ser um local lindo”, fala Jéssica. Então, quando soube do ocorrido, ficou triste, não acreditou que a igreja havia sido destruída pelo fogo. “Por outro lado, fiquei feliz, porque o santíssimo Jesus saiu vivo”, completa.

De acordo com a auxiliar de escritório da Secretaria Paroquial São Mateus, Simone Pereira, não há como es-

pecificar os principais prejuízos desse incêndio aos fiéis. “Perdemos tudo, mais o valor sentimental”.

Apesar de toda essa tragédia, um fato curioso aconteceu, a imagem de São José e a Capela do Santíssimo Sacramento ficaram intactas, no primeiro, apenas a tinta foi queimada.

## RECONSTRUÇÃO

A reforma da Matriz ficará em aproximadamente R\$ 2,5 milhões. Mas, os fiéis já podem ficar felizes, pois a previsão é que as obras comecem em maio, porém não há data para terminar.

No entanto, para quem ainda quiser contribuir nessa reestruturação, a arrecadação é feita através de doações que podem ser levadas até a Secretaria Paroquial São Mateus; em boletos, com valor acima de R\$ 20 em que o pagamento é realizado todo mês no banco. Mas, primeiro, é preciso que os devotos forneçam seus



dados pessoais, endereço e telefone a essa mesma secretaria, para que possa ser efetuado um cadastro. E, caso tenham interesse em doar um valor maior, podem fazer depósito pela conta da Mitra Diocesana de Jaboticabal Paróquia São Mateus. Todo esse dinheiro arrecadado é próprio para reconstrução da igreja.

Para os devotos que não têm condições de ajudar fi-

nanceiramente nessa reforma. “Se estão a favor, torcem, rezam, vibram com aqueles que ajudam, de certa forma já contribuem bastante”, comenta o Padre José Antônio Donizeti Munhoz.

Aliás, o Pároco notou que após esse desastre todos se uniram mais, os católicos ficaram mais fervorosos. “Isso aconteceu, porque quando nós nos unimos somos fortes”, completa o pároco. ■

# A irresponsabilidade do abandono

PARA CADA CRIANÇA QUE NASCE EM RIBEIRÃO PRETO, HÁ CERCA DE 15 CÃES E 45 GATOS NOVOS; MAIS DA METADE DELES ACABAM SENDO ABANDONADOS

GABRIELA FELICI

Basta olhar para as ruas de Ribeirão Preto para perceber a quantidade de cachorros e gatos abandonados. Essa é uma triste realidade que cerca a cidade que, segundo a ANDA (Agência de Notícias de Direitos Animais), tem por volta de 44 pontos de abandono de animais. Os principais locais são Morro do São Bento, área da USP, Cemitério da Saudade e casarão da Álvares Cabral. A Lei municipal nº 13.637, de outubro de 2015, proíbe o abandono de animais domésticos em locais públicos ou áreas particulares e prevê multa de R\$ 1,1 mil.

A AVA (Associação Vida Animal) ajuda mais de 700 animais por mês, e muitos são abandonados. A atual presidente da ONG, Cristina Dias diz que eles têm uma concepção de ajudar quem ajuda animais. Resgatar normalmente está relacionado com o protetor independente, uma pessoa que não está na instituição, mas acaba se responsabilizando pelo o que encontra e ocupa 70% das ajudas a animais domésticos em Ribeirão. Hoje, a ONG tem uma clínica

Gatos de ONG em Ribeirão



popular e despesas em torno de R\$ 10 mil por mês.

A AVA surgiu na concepção de controle populacional e fazendo castrações. Segundo Cristina, a única saída para resolver o problema é controlando a população. “A gente decidiu tratar do controle populacional porque não acreditamos que abrigo seja a solução do problema. Instituições internacionais desde a década de 1990 vêm recomendando que não se acumule animais porque a partir do momento que você pega animal da rua

e leva para casa, se não tiver autocontrole, isso vai sendo esquecido pela sociedade e a responsabilidade vira sua.”

É dever do poder público oferecer para sociedade controle populacional. Segundo a diretora da ONG, a prefeitura de Ribeirão é sempre forçada a executar alguns projetos, mas nada definitivo.

O primeiro passo ao adotar um animal de rua é ver se ele está bem. O segundo, é vacina e castração. É um processo de prevenção para ter controle de população. Em

termos de proporção, a cada criança, nascem 15 cães e 45 gatos. Quem também não tem consciência do controle populacional são as pessoas que comercializam, pois vendem o animal sem orientação.

Em países desenvolvidos, já se pode comercializar o animal castrado. O abandono parte da ignorância de quem não castra os animais, que dão crias e mais crias até que se perde o controle.

Nilda Gouveia é uma das amantes de animais que passam pela AVA todos os dias. Ela vive na Fazenda da Barra, ponto alto do abandono. “Lá é a coisa mais triste. Vejo gente passando em frente à minha chácara com um carrão, soltam dois, três filhotes. Agora mesmo peguei um no meio do mato, machucado por um urubu. Queriam sacrificar, mas não deixei. No início, ele estava agressivo, não deixava nem chegar perto porque estava sofrendo. Agora está doce como mel”.

Hoje, ela cuida de 11 gatos e 10 cachorros, fora os outros que deu para adoção. “Se eu for pegar tudo o que vejo, nem a AVA e nem eu damos conta. Eu pego caso extremo, fico com dó. Já coloquei dez cachorros para adoção.”

Nilda conta ainda que já tirou um cachorro das mãos de sua dona pelos abusos que o animal sofria. “Um dia, perto do aeroporto, tinha uma senhora no ponto de ônibus

espancando um shitzu. Tomei o cachorro da mão dela, e perguntei se ela queria resolver na delegacia, pois havia testemunhas. Estava cheio de carrapato, dei banho, ficou comigo uns 20 dias. Minha filha colocou na internet e uma amiga dela adotou. Fiquei tão feliz, hoje sei que ele está bem.”

Nilda gasta mensalmente 45 kgs de ração para os cachorros e 10 kgs para os gatos. Até curativo ela faz em seus animais. “Essa cachorra mesmo que eu peguei, não sei o que aconteceu com ela. Estou desconfiada que foi queimada com água quente porque a orelha dela esta muito sapecada. Não é normal e é filhote ainda. Para fazer curativo tem que ter um estômago... A veterinária perguntou se eu ia conseguir fazer o curativo. Eu falei que tenho que conseguir, não tenho escolha ou consigo fazer ou deixo morrer. E se eu vejo sangue me da queda de pressão e parece que eu vou desmaiar. Mas estou super feliz, já consegui fazer dois curativos nela”, afirmou/

“Duas coisas que defendo são criança e animal porque eles são indefesos, não merecem sofrer. Tudo o que ganho vai para eles. Às vezes, a Cristina não tem remédio para me doar e tenho que comprar. Minhas filhas falam que nem roupa eu tenho, mas não ligo. A gente chega sem nada e não vai levar nada.” ■

# Creches para idosos são alternativa para famílias

AOS POUCOS, ESSES AMBIENTES DEIXARAM DE SER SINÔNIMO DE ABANDONO PARA SE TRANSFORMAR EM LOCAIS DE CUIDADO

FLÁVIA COLTRI

A bióloga Marisa Carvalho, de 45 anos, começou a perceber uma queda nas atividades de sua mãe, que passava a maior parte do tempo deitada, vendo televisão e sem uma companhia fixa. Sua primeira opção foi procurar o serviço de acompanhante de idosos, mas o alto custo fez a bióloga adotar outro caminho: as creches. “Percebo uma melhora significativa, ela está bem mais disposta fisicamente e muito mais animada”, diz.

Também conhecidos como “centros dia”, “day care”, entre outros nomes, esses espaços gradualmente ganham a curiosidade e a demanda de famílias sem tempo e preocupadas com o bem-estar de seus entes. As atividades oferecidas divergem, pois existem instituições mais luxuosas, entre elas estão ortosanato, pintura, jardinagem, caminhadas, jogos lúdicos, aulas de música e dança.

Creche para idosos



Os espaços também contam com fisioterapeutas, médicos, enfermeiros, psicólogos, terapeutas ocupacionais e músicos.

A média de idade dos idosos que frequentam esses espaços é a partir de 75 anos, com maioria feminina. Os centros normalmente não têm estrutura para pessoas de idade com nível de dependência avançado, como acamados. Muitas vezes evitam misturar níveis de necessidades diferentes, pois, podem causar preocupação, conta Daniel Poli, médico e sócio

proprietário do Instituto Recreativo Bem Viver localizada em Jaboticabal. “Quando mistura muito, o que tem a mente preservada sofre, pensa que aquele que está mais debilitado será ele amanhã.”

Há várias opções de estadia e valores, que vão de diárias de seis e doze horas ou pacotes mensais. O valor depende do lugar escolhido e das necessidades específicas da pessoa. Muitas casas de repouso e até asilos começaram a abrir a opção de creche na parte do dia, que possibilitam um valor bem mais em conta,

entretanto, não disponibilizam as mesmas comodidades.

Ribeirão Preto já conta com dois centros públicos e gratuitos, gerenciados pela Secretária da Assistência Social. A unidade “Maria da Silva - Dona Germana” tem 20 vagas e fica no Jardim Juliana. Já a unidade “Rosa Gileno Tácio”, nos Campos Elíseos, também pode receber até 20 idosos. Devido à lista de espera a previsão é o que número aumente para 60. Para selecionar os idosos, são avaliados a situação de cada candidato em relação às suas condições familiares.

## MELHORA NA VIDA

Apesar de ser uma experiência nova, os idosos não costumam ser resistentes a se juntar ao lugar. Por vezes, são eles mesmos que pedem para ser matriculados. “Muitas vezes, parte do idoso com boa cognição a iniciativa de frequentar a creche, pois, ele se preocupa em facilitar a vida dos filhos e acaba gostando tanto que já ouvi muitos dizerem que gostariam de morar aqui”, afirma Angélica Carvalho, fisioterapeuta e dona de um espaço em Ribeirão.

O empresário Silvio Uvo diz que seu pai se recuperou de uma crise e, após um ano de frequência, acredita ter arranjado a melhor opção. “Ele chegou em uma cadeira de rodas, sem noção dos dias. Com as atividades e a convivência com outras pessoas de idade, melhorou demais, tanto sua parte física, como mental. Hoje sei que não utilizaria outro serviço”, ele finaliza. ■





Em um ambiente diferente de um cinema convencional, o Comodoro exhibe filmes adultos

## Só para maiores: há 21 anos, cinema tradicional de Ribeirão Preto exhibe filmes para adultos

NA REGIÃO CENTRAL, CINE COMODORO QUEBRA TABU E ATRAI AMANTES DOS FILMES ERÓTICOS QUE VISITAM O CINEMA TODA SEMANA

### KLEBERSON RODRIGUES

Ao caminhar pela rua Álvares Cabral, próximo ao SEB COC, é impossível não perceber o letreiro preto de palavras maiúsculas em tom amarelo berrante que grita descaradamente para quem o afronta: “Este cinema exhibe exclusivamente filmes para maiores de 18 anos”. Com paredes de pedras brancas e um arco central que moldura e sombreia as portas de vidro fumê, o Cine Comodoro guarda em suas entranhas histórias que quem passa pela sua porta não imaginaria, ou se imagina, dificilmente as distingue das sessões contínuas que acontecem todos os dias das 13h às 21h.

A lubricidade de suas histórias é mantida em confiança que se assemelha aos desejos de seus frequentadores. Afinal, o que ocorre no Comodoro fica no Comodoro. No entanto, há sempre a má língua disposta a narrar os seus carnavais.

Tudo começa quando se atravessa uma cortina discreta que separa a sessão da bilheteria. Ao atravessá-la, toda a magia do cinema começa dando origem a personagens que enriquecem a mitologia do local. À entrada, encontra-se o bilheteiro, uma figura caricata dessa mitologia, repousado em um banco de pernas pretas e curtas e de acento

redondo de cor marrom. Personagens como Tripé compõem o elenco das histórias. O apelido deve-se à sua altura avantajada, exaltada pelo bilheteiro que afirma que “é tão grande que bate na altura da porta”. O ser colossal também é lembrado pelos figurantes, por também ser chamado de “o tanto que você aguenta”. Há também pares românticos nesse script, como o “Casal-Terça”, que em todas as terças-feiras faz da sessão seu set de filmagem e demonstra aos demais todas as suas performances. Como toda boa história, O Comodoro também tem seu vilão ou, dependendo de sua vítima, o mártir da história. O “Esquentador-de-Cadeira” é um exemplo de ambiguidade de papel, afinal, em meio ao escuro ele se propõe a se colocar no colo dos demais visitantes que estão absorvidos pela sessão ou por algum aspirante a coadjuvante que encena o roteiro do filme à mostra. As exhibições do Comodoro também têm seus casos, situações como a de um senhor que levou a amante para desfrutar de um prazeroso filme e acabou por encontrar a esposa a desfrutar do festim.

Ao visitá-lo, tente esquecer a pipoca e os bancos estofados. O mais próximo disso são modestos pacotes de 30 gramas de amendoim tipo japonês pendurados ao lado dos

preservativos de embalagem roxa. Assim como a aventura dantesca, o Comodoro é dividido em três fases, sendo elas: saída e entrada, bilheteria e sessão. A bilheteria, uma espécie de purgatório, funciona como a recepção, onde se pode adquirir o bilhete pelo valor de R\$10,00 e de brinde ganhar um preservativo. É nesse purgatório onde o bilheteiro guarda à sete chaves as pasmosas histórias.

A casa por si só é feita de história que resiste ao tempo. E antes de penetrá-la, é de importância entender sua trajetória. Nascido em 1977, foi fundada por Antônio Carlos Juliano. No princípio exibia filmes que hoje são dados como clássicos, e a partir dos anos 1980, passou a flertar com o cinema erótico. Filmes como “Império dos Sentidos” afluíram a imaginação dos frequentadores na época. Já no início de 1990, a casa retornou aos clássicos, e em 1997 é que o Comodoro se despiu e subiu à patente de cinema pornô.

De acordo com a proprietária e filha do fundador, Sandra Regina Juliano, o cinema sempre teve um público muito alto desde os primórdios “A casa acolhe cerca de 200 pessoas e o número de visitantes vai de 60 a 70, sendo que metade é composta por um público que sempre está presente” afirma Sandra. ■



Detalhe da cortina



Cinema oferece preservativos

# “Córrego morto”, ribeirão Preto é fonte de alimentos para moradores de rua e compradores de peixe

RIOZINHO QUE DÁ NOME À CIDADE TRANSFORMA MENDIGOS EM PESCADORES E OS AJUDA A ENFRENTAR FOME E FATURAR

THAINAN HONORATO

Aqueles que vagam pelo centro de Ribeirão Preto e veem na avenida Jerônimo Gonçalves uma “multidão” de moradores de rua não imaginam que bem entre o córrego de poucos atrativos e o lixo vivem os guardiões do rio.

Entre esses homens está Wagner Luiz Ribeiro. Para aqueles que costumam passar por ali, trata-se de apenas mais um drogado na calçada. Mas, na realidade, trata-se de um verdadeiro pescador.

Seu local de trabalho não é nada comum. É no mesmo ribeirão que empresta seu nome à cidade que o mendigo costuma matar sua fome.

“Ando por essas ruas todo dia pedindo dinheiro. As pessoas olham para mim e acham que estou pedindo dinheiro apenas para beber. Não é bem assim. Eu tenho que comprar meu material de trabalho, todo dia gasto em média de três a seis reais, mas, claro que se no final do dia sobrar dinheiro, aí bebemos”.

O pescador, ao lado do fiel escudeiro, David Antônio, vaga pelas margens do ribeirão observando atentamente os pequenos movimentos no fundo do córrego e jura de pé junto que aquele lugar é o lar de belas criaturas.

“Neste rio, já vi de tudo, tilápia, carpas, ariranhas, capi-



Pescadores exibem os frutos do ribeirão

varas e até mesmo sucuri”.

Com uma garrafa pet, fio de nylon e um anzol, a dupla consegue pescar em média seis peixes por dia. “A pesca é algo que precisa de paciência, não preciso de muito, apenas de paciência, não tenho que alimentar os peixes o rio é rico por si só, para conseguir pegar os peixes só preciso da paciência” afirma pescador.

Enquanto olhava o fundo do rio, o pescador devaneava: “não vejo minha família há quatro meses. De vez em quando, conversamos por telefone. É triste. Neste ano, meu filho completa 15 anos, e eu estou aqui, na rua. O que me alegra no final do dia é saber que tenho um papel importante e alimento esse povo que mora na rua, tem dias que eu alimento até 16 pessoas”.

## PRECONCEITO

Indignados com os olhares daqueles que passam por ali, os amigos desabafam “o mais engraçado é a cara das pessoas quando passamos carregando os peixes. Alguns olham com nojo, como se estivéssemos pescando merda. Mas o engraçado mesmo é que ninguém fala nada, dos carros que param aqui e perguntam quanto queremos pelos peixes, da última vez conseguimos cinqüentinha fácil”.

## PEIXES E CAPIVARAS

O olhar indignado de quem passa por ali não é à toa. Entre peixes e cágados, estão os lixos, e entre eles os moradores de rua, como é o caso do andarilho Lindomar da Rocha, que vaga pelo rio, e afirma que sua missão diária é proteger aquele que é tão esquecido, o ribeirão Preto, o mesmo rio que os pescadores daquela região tanto usam para ser alimentar.

“Moro aqui, debaixo da ponte, vejo de tudo, desde carpas gigantes, até mesmo sucuri de três metros. Juro para você, que esses dias atrás ela estava lá comendo uma capivara inteirinha, ela só não me come porque sabe que sou eu quem protejo esse rio”.

As margens do córrego, bem em meio aos peixes e outros exemplares de vida animal, há sacolas de lixo, ursos de pelúcia e até mesmo res-

tos de móveis domésticos. Lindomar, com pesar afirma “eu tento cuidar do rio, sou o guardião dele, mas quando tento denunciar, ninguém escuta, sou morador de rua, quem vai me escutar?”.

Em nota oficial ao Jornal do Ônibus, o Departamento de Água e Esgoto de Ribeirão Preto (DAERP) afirmou que “não há despejo de esgoto neste rio. Em Ribeirão Preto, esses resíduos são tratados”.

O morador de rua, mesmo indignado, concorda: “eu moro aqui há três meses, e de verdade, nunca vi uma única gota de esgoto ser jogada no rio. Mas, em compensação, já cansei de brigar com esse pessoal que não respeita o rio, se não sou eu cuidar, as pessoas transformam algo tão bonito, em um lixão”.

Se o rio é poluído, isso ninguém sabe responder, nem o departamento de meio ambiente, nem o DAERP, o único órgão na cidade responsável pela coleta. Contatada durante um mês inteiro, a entidade não atendeu a um único telefonema.

Para aqueles que vivem do rio, o mal cheiro ou a opinião pública é o que menos importa. Para eles, o ribeirão Preto, é o provedor do pão de cada dia e acima de tudo é o ponto de união daqueles que compartilhavam de um sonho em comum, o de conquistar a Califórnia Brasileira. ■



Ribeirão Preto abriga várias fontes de vida

# Bitcoin: investimento arriscado ou moeda do futuro?

ENTENDA MAIS SOBRE O BITCOIN, A CRIPTOMOEDA QUE MAIS ATRAIU INVESTIMENTOS E GANHOU DESTAQUE NO ANO PASSADO

DANIELA SIMI

Um investimento arriscado em um produto criado por alguém conhecido somente por seu pseudônimo. Não se sabe ao certo se Satoshi Nakamoto é um grupo de programadores ou apenas um programador. A única informação que se tem sobre esse nome é a criação da primeira moeda digital mundial e descentralizada, a Bitcoin, em 2008. Não há um governo que centralize ou um Banco Central para regular a moeda. A tecnologia por trás da criptomoeda é a Blockchain, um grande banco de dados que registra todas as transações feitas no mundo com a moeda. De acordo com especialistas, ela tem suporte de grandes redes de

computadores e um ambiente criptografado que garante a segurança do sistema.

Segundo Ronnie Gonçalves, técnico digital e investidor em Bitcoins, o valor do Bitcoin segue as regras de mercado: “Quanto maior a procura, mais valorizada ela fica, o que torna arriscado investir”. Por isso, não é um investimento recomendado para quem não gosta de assumir muito risco, como acontece com as ações negociadas na Bolsa. Afinal, pode ser que amanhã haja uma valorização de 15% e no dia seguinte uma queda de 20%, tendo em vista que o preço do Bitcoin tem uma variação muito grande.

O economista Júlio Moraes afirma que seria cuidadoso ao investir em algo que

pode mudar tão rápido.

“Não estou dizendo se as pessoas devem investir ou não. Essa decisão parte de cada um. Eu, pessoalmente, não investiria muito dinheiro em uma incerteza. Com o dinheiro devemos sempre ter cautela. É algo difícil de ganhar, porém, fácil de arriscar e consequentemente, perder”, diz o economista.

Ronnie investe em Bitcoins desde 2013 e diz que já perdeu dinheiro. “Perdi muito dinheiro em junho do ano passado quando fui hackeado. Você não tem o que fazer. É importante lembrar que esse não é um mercado fiscalizado como acontece com outros investimentos, que são fiscalizadas pelo Banco Central e pela CVM (Comissão de Valores Mo-

biliários)”. Mesmo assim, ele afirma que é um bom negócio e que vai continuar investindo.

Para comprar o Bitcoin é preciso buscar por uma instituição que negocie a moeda para pessoas físicas. Elas são semelhantes às casas de câmbio. Além de vender, também guardam o dinheiro virtual. No Brasil, as empresas mais conhecidas para realizar esse tipo de serviço são Bitcoinyou, FoxBit e a Mercado Bitcoin.

“Uso os Bitcoins para comprar produtos e até contratar serviços. Cada dia mais as empresas estão aderindo à ideia da moeda virtual. No começo, minha esposa implicava, mas agora ela diz que somos ricos”, brinca o investidor. Você pode levar

sua carteira Bitcoin para seu smartphone ou pode usá-la no computador para pagamentos online. A cada dia, mais lojistas e prestadores de serviço estão aceitando o Bitcoin pelo mundo. É possível usar Bitcoin para pagá-los e avaliar a sua experiência ajudando no crescimento e divulgação da empresa.

Aceitar Bitcoins como forma de pagamento por seus produtos ou serviços também é uma boa maneira de conseguir arrecadas moedas. As transações usando Bitcoin são rápidas e não há estornos. Uma vez que as criptomedas foram enviadas, eles desapareceram.

As taxas de transação do Bitcoin são bastante reduzidas, e, em alguns casos, chegam a ser até gratuitas. ■

# Uber: alternativa para desemprego e gerar renda extra

COMO TRABALHO TEMPORÁRIO OU ALTERNATIVA PARA GERAR RENDA EXTRA, RIBEIRÃO-PRETANOS TÊM ADERIDO À PRESTADORA

PEDRO PIOTT

De acordo com levantamento feito pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a quantidade de desempregados no Brasil durante o primeiro trimestre de 2018 era de 13,1 milhões de pessoas. Esse número seria ainda maior se não fossem as pessoas que possuem empregos alternativos, como motoristas de Uber.

A empresa de transporte urbano, que desembarcou no Brasil em 2014 e foi alvo de várias polêmicas e conflitos com taxistas, conta atualmente com 500 mil parceiros espalhados por praticamente todos os cantos do país.

Trabalhar para a Uber é algo bastante fácil. Basta possuir (ou alugar) um carro e tempo disponível para rodar pela cidade com passageiros em corridas que normalmente têm preços bem mais convidativos do que o táxi tradicional.

O ex-consultor interno de vendas Danilo Turati é um dos brasileiros que decidiram aderir a esse novo estilo de profissão.

Quando perdeu o emprego, entrou em desespero

perante a necessidade de manter o orçamento mensal antigo. Foi quando amigos lhe indicaram a Uber, uma alternativa com flexibilidade de horários e trabalho autônomo.

“Financeiramente, eu estou feliz com a Uber. Não vou falar que é o trabalho com o qual sonhei, mas me divirto e é muito motivador”, conta Danilo, que se dedica 12 horas diárias ao emprego e costuma tirar somente um dia de folga a cada semana.

## BOLA DE LADO

Enquanto o ex-consultor de vendas abraçou a nova função por tempo indeterminado, o jogador de futebol Lucas Kevin considera o trabalho como uberista apenas como algo temporário.

Sua intenção é retornar aos gramados. Mas, enquanto essa oportunidade não bate na sua porta, ele divide seu tempo entre os treinos pela manhã e o carro nas tardes e noites.

“Tive bastante dificuldades para me adaptar no começo, por ser uma área totalmente diferente da minha. Foi difícil me acostumar a ficar horas dentro de



O jogador de futebol Lucas Kevin aderiu à Uber enquanto não volta aos campos

um carro, mas estou feliz com o ganho mensal que me proporciona”, afirma o jogador, que costuma faturar algo em torno de R\$ 150 por dia trabalhado.

E quem ainda pensa que apenas os homens se dão bem no volante está profundamente enganado.

Há um ano e meio, quando a Uber se instalou em Ribeirão Preto, Isabel Helena, 53 anos, decidiu se arriscar na função. Ela participou de todas as reuniões e alinhamentos da Uber e se tornou

motorista. Sua ideia era ganhar dinheiro fazendo uma coisa que gosta, dirigir.

“Sei que sou competente no que faço, sempre procuro fazer o meu melhor. Independência financeira e liberdade de escolha com relação a horários de trabalho são de suma importância na minha vida” conta.

Isabel, que prefere trabalhar durante as madrugadas, afirma que alguns passageiros homens costumam se surpreender quando abrem a porta do carro e percebem

a presença feminina no banco do motorista.

“Se percebo qualquer comportamento inadequado, coloco imediatamente o passageiro no seu lugar”, diz a motorista.

Apesar da oposição dos taxistas convencionais e de algumas divergências legais até a regulamentação do serviço, a Uber parece que veio mesmo para ficar. Afinal, gera trabalho e renda aos motoristas, que proporcionam economia e praticidade aos usuários. ■

# Empreendedorismo no Brasil sofre com imediatismo

BRASILEIROS NUNCA ABRIRAM TANTAS EMPRESAS QUANTO AGORA, MAS ISSO NÃO SIGNIFICA NECESSARIAMENTE SUCESSO

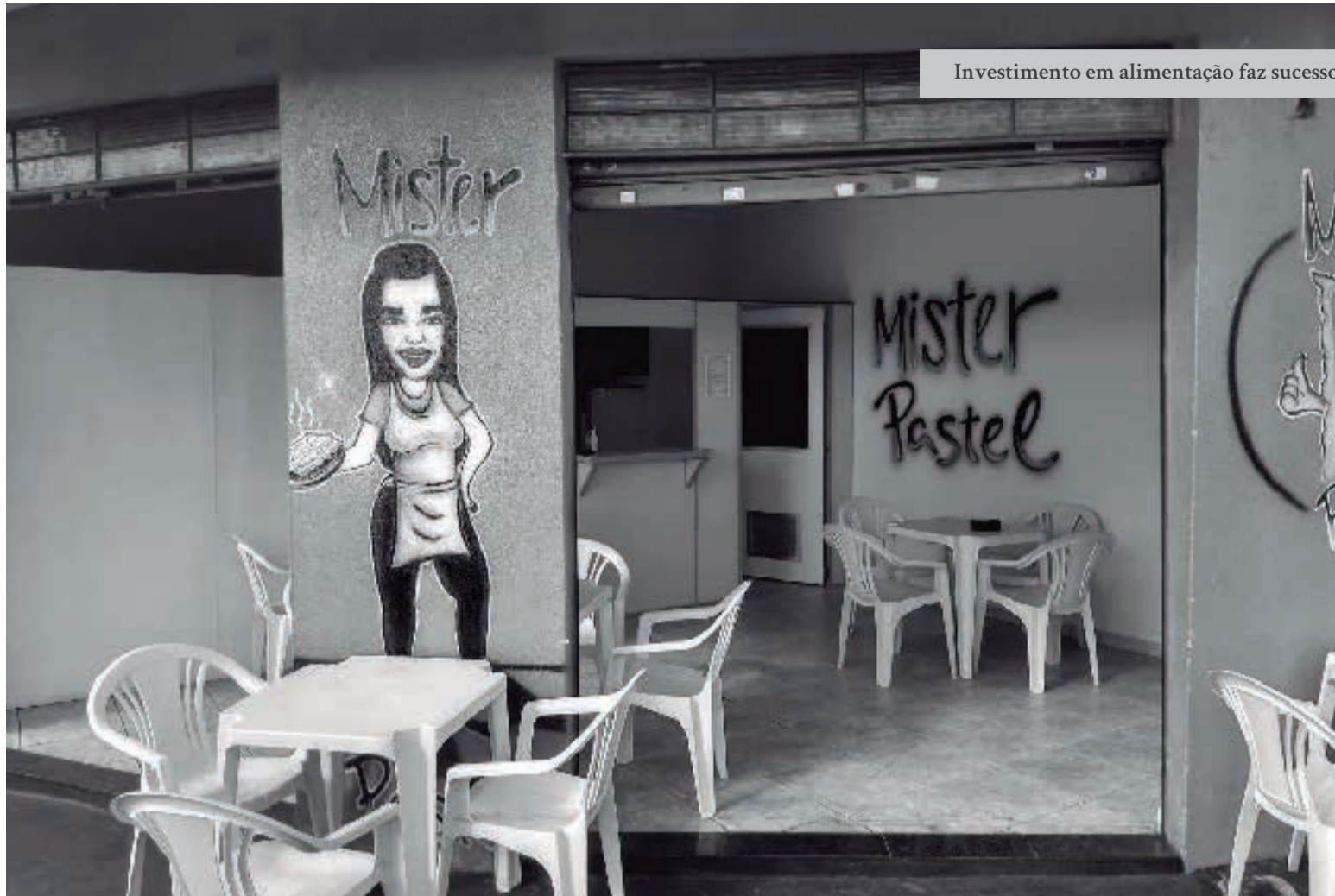
MALU PICASSO

Quando as contas apertaram, Laís Trevisan, 22, não pensou duas vezes. O salário de vendedora não cobria mais os custos da casa e ela, com algum dinheiro guardado, vislumbrou a oportunidade de abrir um negócio que rendesse o suficiente. “Levei cerca de três meses para me organizar e colocar tudo para funcionar”, conta. Inaugurou uma pastelaria no bairro onde mora, que administra diariamente, conciliando seus horários com o dia a dia dos filhos, Enzo e Ícaro, 6 e 2.

Laís não está sozinha na decisão que tomou. Segundo a pesquisa Global Entrepreneurship Monitor (GEM) de 2015, patrocinada pelo Sebrae, quatro em cada dez brasileiros adultos já possuem ou estão envolvidos com a criação de uma empresa. No ano passado a taxa de empreendedorismo foi a maior nos últimos 14 anos, atingiu 39,3%, quase o dobro do índice registrado em 2002, quando a taxa era de 20,9%.

Segundo o presidente do Sebrae, Guilherme Afif Domingos, o maior motivo para tamanho crescimento é o chamado empreendedorismo por necessidade. Impulsionado por pessoas que, como a Laís, precisam driblar o desfalque no mercado de trabalho, que vem piorando ao longo dos últimos quatro anos.

Exatamente nesse período, entre 2014 e 2015, o percen-



Investimento em alimentação faz sucesso

tual de novas empresas criadas por necessidade cresceu de 29% para 43%.

“São pessoas que buscam uma alternativa de renda, e que encontram no microempreendedorismo oportunidade de exercer uma primeira atividade profissional, ou complementar a renda de um outro emprego.” explica o economista Rodrigo Degelo.

Essa situação, no entanto, pode fazer com que as pesquisas que apontam o aumento do empreendedorismo como

algo promissor ao futuro estejam, afinal, enganadas, uma vez que das 955,3 mil empresas abertas de janeiro a maio de 2017, 79,2% foram registradas como Microempreendedores Individuais, os chamados MEIs.

## MODELO DE NEGÓCIO

O modelo de negócio do microempreendedor por necessidade, porém, tende a ser diferente daquele utilizado pelo empreendedor por oportunidade, que inicia um

empreendimento com plano definido e clara visão de longo prazo. São empresas criadas em pouco tempo, normalmente com pouco capital de giro e planejamento mínimo a médio e longo prazo.

“São ‘tapa buracos’ que funcionam por um tempo e ajudam muita gente, mas que não possuem planos de negócio duradouros. São planos que tendem a ser abandonados quando aparece uma chance de trabalho registrado. Soma-se a isso o fato da burocracia brasileira dificultar muito a vida do empreendedor”, diz Rodrigo.

Segundo Luiz Rabi, que é economista do Serasa, “o empresário por necessidade, na maioria das vezes, não tem um plano de negócio bem estruturado. Ele trabalha muitas vezes dispondo só de sua mão de obra e um pequeno investimento, espera receber o suficiente para seguir trabalhando e assim suscetivelmente pelo tempo que for preciso”.

Talvez por isso, de acordo com o Sebrae, 23% das empresas fecham as portas nos dois primeiros anos. Foi o caso de Danilo Castro, ex-servidor público que juntou suas economias com as do pai para abrir um bar.

Os problemas de planejamento começaram a aparecer antes mesmo da inauguração. “A obra e os equipamentos todos custaram muito mais do que esperávamos inicial-

mente, então já começamos o negócio com um furo no orçamento”, lembra.

Depois de seis meses ficou claro que bar não se sustentaria por muito mais tempo, e Danilo tomou a difícil decisão de abrir mão daquilo pelo que tanto trabalhara. Mas ela conta que nem assim as dificuldades desapareceram: “a burocracia para a venda também era absurdamente cara, e levamos pelo menos mais seis meses para conseguir um comprador que arcasse com os custos”. Após a decepção, Danilo passou a trabalhar como motorista de aplicativo.

Conforme a análise do GEM, o empreendedor brasileiro não é classificado como visionário, mas sim como imediatista. O economista Rodrigo Degelo brinca: “Enquanto não abandonarmos a mania de entrar em ação apenas quando ‘a água bate na bunda’, e enquanto a burocracia trabalhar contra os empreendedores, os números continuarão divididos”.

Conforme a análise do GEM, o empreendedor brasileiro não é classificado como visionário, mas sim como imediatista. O economista Rodrigo Degelo brinca: “Enquanto não abandonarmos a mania de entrar em ação apenas quando ‘a água bate na bunda’, e enquanto a burocracia trabalhar contra os empreendedores, os números continuarão divididos”.

Conforme a análise do GEM, o empreendedor brasileiro não é classificado como visionário, mas sim como imediatista. O economista Rodrigo Degelo brinca: “Enquanto não abandonarmos a mania de entrar em ação apenas quando ‘a água bate na bunda’, e enquanto a burocracia trabalhar contra os empreendedores, os números continuarão divididos”.

Guilherme Afif Domingos, presidente do Sebrae



# GERAÇÃO NEM-NEM, VOCÊ FAZ PARTE?

SE VOCÊ TEM DE 18 A 24 ANOS, NEM ESTUDA E NEM TRABALHA, VOCÊ FAZ PARTE DESTA GERAÇÃO DE DESEMPREGADOS



## RENATO PEREIRA

Todo mundo conhece um jovem desempregado, que também não estude. Cinco horas da manhã, hora de acordar? Para Alison Pedral, é o momento de ir para cama. Na rotina do jovem de 24 anos, desempregado desde outubro do ano passado, nem o horário de dormir é mais como antes. Recém-formado em Engenharia Civil, costumava acordar às 4h30 para cumprir sua antiga função de técnico em enfermagem e conciliava no período noturno o curso superior que sempre sonhou.

Pedral é um dos 13,1 milhões de desempregados do Brasil, 4,4% a mais do que no trimestre anterior. Segundo o IBGE, este acréscimo foi de 550 mil pessoas. O jovem faz parte da parcela mais atingida pelo desemprego: 25,3% das pessoas em sua faixa etária estão na mesma situação.

Ana Maria Barufi, economista do Bradesco, realizou um levantamento que aponta que quase 30% dos brasileiros na faixa etária dos 18 aos 24 anos, traduzidos em 6,6 milhões de jovens, nem trabalham, nem estudam. A conhecida geração nem-nem—pessoas que deveriam estar na faculdade ou no início de suas carreiras, mas não obtêm oportunidades para isso.

Alison revela que sua rotina se transformou desde a saída do último emprego. Além

do horário que antes era o de acordar ser agora o de dormir, o rapaz relata um grande alívio em ter este breve descanso, para o corpo e para a mente. “Vivia com dores de cabeça e mau humor. Já hoje, não sofro mais”.

Para Alison, que possui experiência em supermercado e enfermagem, mas nenhuma em sua formação de engenheiro, crê que tudo é questão de tempo para conseguir uma oportunidade. Ele acredita que o setor da construção civil já está em recuperação, no qual já empregou, mesmo que em cargo de auxiliar, pessoas que terminaram a faculdade junto com ele.

Mesmo ainda cumprindo apenas funções domésticas, e levando sua mãe de carro a lugares de sua rotina, o rapaz sabe que sua recolocação no mercado dependerá de sua preparação e não se importa no momento com salários de alto nível. De olho nos concursos públicos, ele afirma: “O maior empecilho para contratação é a falta de especialização e cursos que demonstrem um diferencial. “Ainda não possuo experiência em minha área, mas quando a oportunidade vier, o salário não irá intervir na decisão”.

O entrevistado crê que conseguir uma oportunidade é questão de tempo. “A construção civil ainda está em recuperação. Os poucos que estudaram comigo e já estão

## O termo "Nem-Nem" na verdade surgiu "Ni-Ni"

Essa expressão nasceu e passou a se tornar popular na Europa, especificamente na Espanha (“la generación ni-ni: ni trabaja, ni estudia”), para nomear a geração de jovens que praticamente não fazem nada em suas rotinas: uns não estudam e nem trabalham e também não procuram emprego; outros até procuram, mas não encontram, outros tantos estudaram, porém nunca trabalharam, e assim não adquirem a devida experiência exigida no mercado de trabalho.

empregados ainda estão em cargos auxiliares. Sem contar que já estagiavam antes nas respectivas empresas”.

Para o economista Matheus Franco da FEA-USP (Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo), nas últimas duas décadas, o desemprego do jovem deve-se principalmente à alta concorrência, que, ao longo desses

Aliado a isso, assistimos ao crescimento de outro fenômeno comportamental: a tardia emancipação dos jovens, que saem mais tarde da casa dos pais, que não estudam porque já estão formados mas também não encontram emprego.

Com o tempo, o ingresso tardio no mercado de trabalho só dificulta ainda mais o processo, afinal de contas, as empresas consideram negativo os jovens que por muito tempo não trabalhavam e nem estudavam. Para grande parte desses jovens, acaba restando a opção da informalidade, do subemprego ou da eterna dependência econômica dos pais. Tais jovens são também conhecidos por geração canguru.

anos, está se especializando nas diversas áreas do mercado de trabalho, o que antes era financeira e burocraticamente mais difícil.

“A crise atual não é totalmente culpada pelo desemprego. Os espasmos da crise econômica, no final dos anos

2000, ainda dificultam a completa recuperação mercadológica. Desde então, a baixa na demanda por mão de obra deve-se à atividade econômica que se estremeceu no início do século”, explica o profissional.

O economista aponta uma possível solução para os jovens que lutam contra a maré de azar no mercado de trabalho. “A decisão entre ser empregado e se tornar o futuro empregador pode influenciar toda uma carreira”. Franco é otimista sobre a nova geração aspirante a empreendedora. Ele afirma que a facilidade de informações disponíveis, aliada ao natural espírito empreendedor, é muito positivo.

Porém, o mesmo ressalta que a burocracia empresarial é grande e pode desestabilizar a tentativa do empreendedorismo.

Apesar de otimista, Matheus Franco ressalta que as cobranças sobre o negócio próprio, aliadas à queda na atividade econômica, podem desestabilizar a tentativa de empreendedorismo. Matheus frisa que uma boa ideia de negócio pode ser destruída se for mal executada. “As principais palavras para o mercado são planejamento e conhecimento. Independentemente da carreira. Buscando um emprego ou montar uma empresa, o essencial é analisar como está o setor e estudar o necessário para se destacar. O básico não é mais o suficiente”. ■

# Opção em tempos de crise econômica, brechós físicos e virtuais caem nas graças do público

LOJAS QUE VENDEM ARTIGOS USADOS E SEMINOVOS APROVEITAM DIFICULDADES FINANCEIRAS DA POPULAÇÃO BRASILEIRA PARA CRESCER EM RITMO ACELERADO E SUPERAR QUALQUER TIPO DE PRECONCEITO QUE COSTUMAVA AFUGENTAR O PÚBLICO

MARIA BEATRIZ STIVALETTI

Surge uma festa, um evento importante ou um aniversário. É hora de comprar um look completo, mas você está sem dinheiro? E agora, o que fazer? A resposta é mais simples que você imagina: bem vindo ao mundo dos brechós.

Uma das técnicas de mercado mais antiga, esse tipo de negócio que surgiu no Rio de Janeiro no século XIX nada mais é que venda de produtos novos e usados, que estão em bom estado, dando a possibilidade de alguém vender o que não precisa e de outros comprar algo que esteja realmente precisando por um preço muito abaixo da média.

Quando a estudante Ana Carla Januário se depara com a situação de não saber o que vestir, ela já sabe aonde recorrer. “Imagine só comprar um vestido da Louis Vuitton, bem conservado, que custa tradicionalmente R\$ 1.200, por apenas R\$ 230. É uma

Araras expõem roupas em brechós



maravilha”. Os brechós vêm conquistando cada vez mais pessoas, enganam-se quem pensa que existe só brechós de roupas. Esse mercado abrange do infantil ao mercado musical.

“No brechó, a ideia de “ser” é ultrapassada, e o que é realmente importante é descobrir o que realmente você quer, independentemente de ser da última ou da antepenúltima temporada, quem se dispõe a tirar tempo e fazer o circuito dos brechós vai perceber que

há roupas de muita qualidade,” afirma Ana Luzia Rodrigues, consumidora que aderiu à compra em brechós e se diz totalmente satisfeita com a sua escolha.

O consumo em brechós aumentou 90% entre 2015 a 2017, segundo pesquisa realizada pelo Serviço de Proteção ao Crédito (SPC) o levantamento também apontou que oito em cada dez consumidores começaram a pensar e entender sobre as práticas de consumo consciente, e dimi-

nuíram assim o consumo em fast fashion, padrão de produção e consumo no qual o produto são fabricados, consumidos e descartados.

Para o economista Matheus Franco, “a influência dos brechós vem do próprio hábito dos consumidores, que nos últimos anos tem procurado itens “retro”, estão mais preocupados com questões ambientais como reutilização e reciclagem”.

Jeniffer Araújo, que é proprietária de um do brechó

em Ribeirão Preto, começou a vender em junho do ano passado, com as próprias roupas. Com o passar do tempo, e com o aumento da procura, decidiu comprar roupas para revender, utilizando-se de outros brechós. E para ela, o maior desafio, está em conseguir roupas boas de qualidade para revender, mantendo assim os clientes.

## PRECONCEITO

Muitas pessoas não gostam de brechós, por uma série de razões. Mas principalmente por uma visão de que se trata de lojas com roupas velhas e mal lavadas, peças de gente que morreu e acabaram sendo passadas pra frente. Segundo Jeniffer, “O preconceito sempre irá existir, porque as pessoas têm a impressão de que as peças são velhas e sujas, mas essa é uma visão errada. As peças são muito bem conservadas, lavamos e tratamos para deixar sempre de cara nova”. ■

# JORNALISMO UNAERP

O CURSO COM A MELHOR ESTRUTURA DE ENSINO DE RIBEIRÃO E REGIÃO

LABORATÓRIO DE EDITORAÇÃO GRÁFICA  
Jornalismo Impresso e Online



LABORATÓRIO DE TV  
TV UNAERP  
Canal 10 da NET

LABORATÓRIO DE RÁDIO  
RÁDIO UNAERP  
Baixe o Aplicativo Rádio Unaerp

LABORATÓRIO DE FOTOGRAFIA  
Fotojornalismo



ACESSE O SITE DO JORNALISMO E ACOMPANHE OS PROJETOS E AS PRODUÇÕES DOS ALUNOS.

[JORNALISMOUNAERP.COM.BR](http://JORNALISMOUNAERP.COM.BR)

**UNAERP** CURSO DE JORNALISMO  
Universidade de Ribeirão Preto  
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá



O tradicional estádio Palma Travassos

# Arena Multiuso: salvação para as contas do Comercial

COM DÍVIDAS E GASTOS ALÉM DA RENDA, TRANSFORMAR O ESTÁDIO PALMA TRAVASSOS EM ARENA MULTIUSO É UMA SOLUÇÃO

FELIPE FERNANDES

Transformar o Palma Travassos em uma arena multiuso, semelhante aos estádios de grandes clubes brasileiros como Palmeiras e Grêmio. É esse o plano do Comercial para sair da mais profunda crise dos seus 106 anos de existência.

A ideia do presidente Ademir Chiari é modernizar a arena inaugurada em 1964 para abrigar shows, eventos corporativos e mais lojas. Tudo para aumentar as receitas do clube ribeirão-pretano e ajudar em sua recuperação financeira.

Atualmente, o tradicional time da cidade sofre para pagar as contas. As dívidas estão na casa de R\$ 5 milhões, e o clube tem cerca de R\$ 3 milhões bloqueados na Federação Paulista de Futebol (FPF) —dinheiro oriundo de bilheteria, venda de jogadores e premiações por participação em competições estaduais.

“Hoje, o Comercial vive de apaixonados que doam ao clube cerca de R\$ 30 mil mensais para a manutenção do estádio, pagamento de funcionários e manutenção do futebol do clube”, explica o mandatário.

Mas esse dinheiro é insuficiente para pagar as contas do Comercial em dia. Ainda

de acordo com Chiari, o custo mensal para manutenção do clube na Segunda Divisão do Campeonato Paulista (na prática, o quarto e último escalão do futebol estadual) gira em torno de R\$ 85 mil a cada 30 dias.

Esse valor incluiu os gastos com pagamento de salários de funcionários, jogadores e integrantes da comissão técnica. Mas o grande responsável pelo déficit do clube é justamente seu maior patrimônio, o Palma Travassos.

“Mesmo quando não estamos disputando nenhuma competição, a manutenção do estádio custa aproximadamente uns R\$ 40 mil por mês”, explica Chiari.

Mas nem sempre foi assim. O plano do atual presidente do Comercial tem pouca coisa de novo. O que ele realmente deseja é resgatar uma característica do estádio e importante nas contas do clube.

A Joia de Cimento Armado, como é conhecida a arena alvinegra, nunca foi um simples estádio. A área sempre abrigou (e ainda continua abrigando) algumas lojas e bares e também sediou eventos importantes do calendário cultural de Ribeirão, como o João Rock.

Nos bons tempos, o Palma Travassos chegava a arrecadar R\$ 50 mil mensais

com esses aluguéis e promoções de eventos, verba que era essencial para a manutenção da saúde financeira do Comercial.

Mas hoje esse faturamento está próximo do zero, já que os aluguéis dos espaços do estádio ao Comercial ficam retidos na Justiça devido a condenações sofridas por dívidas trabalhistas —há processos que já completaram duas décadas.

## DENTRO DE CAMPO

Para disputar a última divisão paulista pela primeira vez na história, o Comercial trouxe neste ano o experiente técnico Pinho, 73 anos, que conta com uma carreira marcada por inúmeros acessos nos escalões inferiores do Estado.

A montagem do elenco para a competição, que é exclusiva para jogadores com até 23 anos, passou até mesmo pela realização de peneiras na cidade. A intenção era encontrar atletas ainda amadores que pudessem reforçar a equipe na disputa do torneio.

Três jogadores foram aprovados, mas nenhum deles acabou realmente sendo aproveitado. No entanto, a ação foi amplamente comentada pela região: muitos a viram como uma oportunidade para talentos mostrarem seu futebol, outros criticaram e

falaram que o clube é grande demais para a realização de peneiras.

Esportivamente, o clube tem planos a curto prazo para retornar à Série A3 do futebol paulista. Já a médio prazo, a ideia é disputar novamente a Copa Paulista. Para um futuro um pouco mais distante, a intenção do presidente é pagar as dívidas do clube e fazê-lo voltar a crescer.

“Sanar as contas do clube é muito importante. Uma vez sanadas, aí o clube vai poder investir nas categorias de base e modernizar o estádio para que ambos sustentem o clube, cada um de sua maneira”, completa Chiari.

O presidente promete que o ano de 2018 vai ser um ano de divisão de águas para o Comercial Futebol Clube.

A disputa da divisão mais baixa do futebol paulista até parece um ponto negativo na história do clube. Mas é também a oportunidade ideal para recomeçar e começar a se modernizar dentro e fora de campo.

Tirar o clube do fundo do poço é, sem dúvida, o maior desafio da atual diretoria. Reformular o Palma Travassos e transformá-lo em uma fonte de receitas é um passo vital para que o Comercial volte a ter, no futuro, um time à altura da grandeza do Leão do Norte. ■



## Isto é Comercial

**Nome Oficial:**  
Comercial Futebol Clube

**Fundação:**  
10 de outubro de 1911

**Presidente:**  
Ademir Chiari

**Estádio:**  
Dr. Francisco de Palma Travassos

**Competição que Disputa:**  
2ª Divisão Paulista

**Títulos:**  
Campeão Paulista do Interior 1966

**Maiores jogadores:**  
Emerson Leão,  
Diego, Piter

# A febre das figurinhas está de volta

COM A APROXIMAÇÃO DA COPA DO MUNDO DE 2018 OS TORCEDORES SE QUEREM MESMO É COMPLETAR O ÁLBUM

VITÓRIA BORGHI

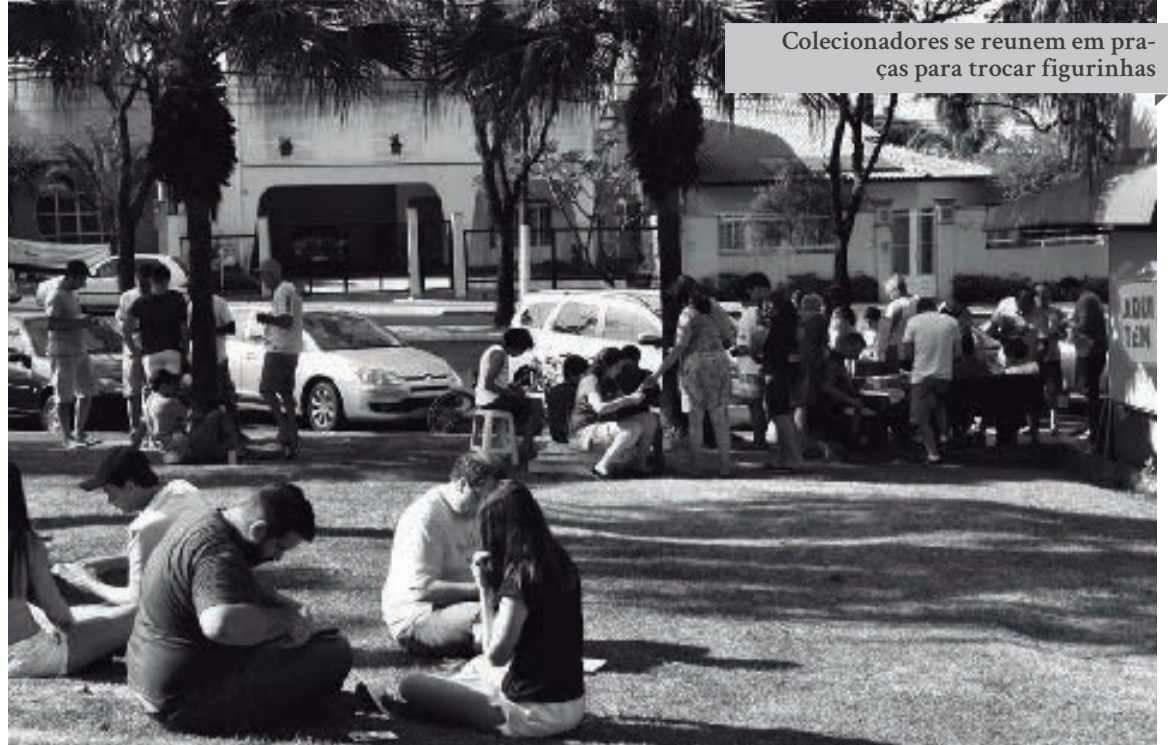
Domingo de manhã, um pequeno aglomerado de pessoas está reunido em frente a uma banca de jornal. Entre eles há idosos, adultos e crianças. Alguns estão sentados em bancos, outros sentados no chão, mas todos têm o mesmo objetivo: completar o seu álbum de figurinhas da Copa do Mundo. A brincadeira reúne famílias inteiras, passa como tradição de geração em geração e também faz com que os torcedores criem novas amizades.

Quando o analista de qualidade Raphael Sales tinha apenas dois anos, seus pais colecionaram para ele o álbum da Copa de 1990, na Itália, que ainda tinha o charme de a pessoa ter que realmente passar cola para colar suas figurinhas. Já com seis anos, Raphael colecionou o seu primeiro álbum da Copa de 1994, nos Estados Unidos. Hoje aos 29, a ideia dos pais ainda é uma grande influência para o seu futuro. “Este álbum é uma das poucas coisas que ainda tenho da minha infância. Espero que meus filhos um dia

o recebam com o mesmo carinho que eu recebi”, declarou.

Com cada envelope de figurinha custando R\$ 2,00, diferentemente de 2014 quando o valor era de R\$ 1,00, o gasto do torcedor vai dobrar. Se quiser completar o álbum, o torcedor pode até chegar a desembolsar de R\$ 272,80 a R\$ 560, com 280 pacotes e 682 cromos. Mas isso não desaminou os colecionadores, que estão se reunindo e enchendo praças e bancas todos os domingos na esperança de conseguir trocar. “Não importa o quanto você gasta com ele, desde que você esteja satisfazendo uma paixão”, declarou Raphael.

Neste ano também houve o lançamento do álbum online, em um aplicativo criado pela Panini para quem não quer a brincadeira de ir até uma banca domingo de manhã e também não quer gastar. A empresa também investiu em outra novidade esse ano, um aplicativo diferente que dará ao colecionador a possibilidade de 6.000 cards e cromos com imagens dos álbuns desde 1970.



O tão conhecido bafo não acabou, a brincadeira em que você bate com a mão em um monte de figurinhas e fica com aquelas que viraram, ainda junta pessoas ainda vão praças e lotam as bancas para fazer as trocas. “Trocar figurinha é muito legal, bater bafo, eu lembro quando eu era crian-

ça. As vezes a gente trocava figurinha com quem nem conhecia”, disse a consultora de negócios Mariana Libório, única menina entre os irmãos. Juntos eles se ajudaram e completaram os álbuns da Copa de 2010 e 2014. Para ela o que vale de tudo isso é a experiência, que traz boas lembranças.

“Para mim, a melhor parte é abrir o pacotinho e ver qual figurinha tirou”.

A Copa do Mundo na Rússia começa só no dia 14 de junho, mas os torcedores já estão prontos, ansiosos e preparados para os jogadores do álbum em ação e torcer para que o Brasil conquiste o hexa. ■



# Goleiro atravessa o planeta em busca do seu sonho

O RIBEIRÃO-PRETANO IAGO GAUDIO JÁ JOGOU NA AUSTRÁLIA E NOS EUA; HOJE TREINA EM CASA E RETORNOU AOS ESTUDOS

FLÁVIA CONEGLIAN

Iago Ferreira Gaudio faz faculdade de design gráfico e trabalha em uma tabacaria próxima à universidade. Aos 24 anos, nunca pensou que estaria onde está. Apesar de gostar do curso que escolheu e de trabalhar com amigos, a trajetória que traçava aos 16 anos, quando viu a oportunidade de se tornar goleiro profissional bem à sua frente, não podia estar mais distante.

Em 2010, o ribeirão-pretano se mudou para outra cidade do interior de São Paulo, Monte Sião, onde iniciou sua carreira no futebol jogando em um time pequeno, onde permaneceu até os 18 anos.

Com muito esforço, o goleiro conseguiu uma bolsa de estudos nos Estados

Unidos, onde jogou na liga universitária pelo Kansas. Em Coffeyville, uma cidadezinha de aproximadamente 12 mil habitantes, quatro mil deles sendo estudantes, Iago ficou por um ano, sendo o único branco no apartamento em que morava.

No meio do semestre, o técnico do time teve que se ausentar para cuidar do pai com câncer, e foi então que as coisas começaram a dar errado. Por ser apenas um pouco mais velho que ele próprio, o goleiro acabou tendo problemas com o treinador substituído e, devido às brigas, acabou pedindo transferência do time.

Uma semana antes do início das aulas conseguiu uma bolsa na cidade de Austin, Minnesota, onde jogou por mais três anos e, na ba-

ragem levou a experiência e as lembranças dos treinos às seis da manhã em temperaturas abaixo de zero.

No final de 2015, o treinador do time de Iago convidou os melhores jogadores de várias universidades para testes no Chicago Fire sub 23. Apesar de ter passado, não houve interesse do clube na contratação e, de passagem na mão, sem faculdade e sem contrato, acabou voltando para o Brasil.

Voltando ao país, o goleiro recebeu proposta para jogar no Novoperário, em Campo Grande. “Morava em uma fazenda no meio no nada, uma cozinheira deixava comida e era aquilo que tinha”.

Disputou a série A do estadual pelo time em busca da classificação pela copa do Brasil e o brasileiro série D, mas após o time perder um jogo

classificatório todos os jogadores foram dispensados.

## REALIDADE

Sem alternativas e sem empresário, Iago acabou retornando para Ribeirão Preto, onde passou a trabalhar em uma concessionária de motos, mas ainda sem desistir do futebol. Nas horas vagas fazia treinos específicos de goleiro com a ex goleira da seleção feminina do Brasil, Andreia Suntaque.

Oito meses depois, o ribeirão-pretano embarcou para a Austrália decidido a trabalhar. Pouco tempo depois, foi contratado pelo Mudgeraba FC, em Gold Coast, naquele ano rebaixado para segunda divisão. “Vivi grandes momentos lá, conseguimos segundo lugar na liga e conquistamos a sonha-

da classificação para a primeira divisão novamente”.

Além da rotina de treinos intensos pelo time, o goleiro também trabalhava em uma empreiteira terceirizada em obras. “Isso acabou se tornando uma rotina pesada, dar duro nos treinos, mas precisar de dinheiro sempre... Não pude abrir mão no trabalho nas obras”.

Mas o encantamento durou pouco tempo. Iago não pode se sustentar no país pela baixa proposta financeira oferecida pelo time e retornou para o Brasil com uma lesão no posterior da coxa direita, agora afim de trabalhar e retornar aos estudos. “Ainda penso muito em voltar para os gramados e recebo propostas de times pequenos. Mas o que falta de verdade é um empresário”. ■



# Skate feminino tem cada vez mais praticantes

MULHERES REPRESENTAM CERCA DE 1,6 MILHÃO DE PESSOAS NO ESPORTE, 40 DELAS ESTARÃO NAS OLIMPÍADAS

**GIOVANA FIACADORI**

“A bicicleta é grande demais para mim e patins dá muito trabalho.” Esse era um dos argumentos que Vitória Bortolo usava aos dez anos para convencer a família a comprar um skate.

O esporte, normalmente associado a praticantes e torcedores mais jovens, não para de crescer no Brasil e em todo o planeta.

A versão feminina da modalidade chegou ao Brasil aproximadamente nos anos 2000. Antes disso, era apenas um sinônimo de masculinidade, e o espaço para as mulheres quase não existia.

Nessa época foi criada a Associação Brasileira de Skate Feminino, que pretendia popularizar o esporte entre as mulheres. Até então, não havia competições para mulheres, e as que quisessem participar de competições teriam que enfrentar adversários homens em torneios abertos para dois gêneros.

Coincidência ou não, foi exatamente nesse período que Sara Trindade, na época aos 17 anos, conheceu e se apaixonou pelo esporte.

“O skate me escolheu. Um

amigo me apresentou o skate e a partir daí nunca mais parei. Conciliei o trabalho e as competições ao longo dos anos. Sempre foi uma diversão, um estilo de vida”, afirma a atleta.

Hoje em dia, as mulheres são parte significativa dos praticantes de skate. Em 2009 eram apenas 10% do público do esporte. Seis anos depois, em 2015, já representavam 19%, ou seja, cerca de 1,6 milhão de praticantes a mais.

Apesar dessa mudança, Vitória pontua que o machismo ainda faz parte do cotidiano da modalidade.

“Nós mulheres estamos sempre sujeitas ao machismo, tão intrínseco no mundo que nem uma atividade coletiva como o skate se safava dessa. Existem muitas coisas a serem corrigidas, e a que vem sendo bastante discutida é a premiação desigual para homens e mulheres, mesmo em campeonatos que abrangem a mesma categoria”.

Assim como Vitória, Sara também relembra o preconceito sofrido durante sua trajetória no esporte.

“Quando comecei, no início dos anos 2000, era basicamente uma aberração ver mulher skatista. Ouvi muitos ‘vai



Apesar da maior participação feminina, as mulheres ainda lidam com o preconceito no esporte

lavar a louça, fazer comida’. No começo, a família também não gostava, mas depois ficou tranquilo”, comenta.

As duas ainda fazem questão de lembrar que muitos campeonatos possuem premiação que ainda é menor para as mulheres do que para os competidores masculinos.

Vitória conta que já participou e ganhou várias competições. “Antigamente era muito mais campeonato. Hoje em dia é muito mais vídeo, coisas

virtuais que deem para pessoas distantes verem. O mais legal não eram os campeonatos, era reencontrar os amigos que a gente só via nos campeonatos.”

Com a maior participação feminina, cresceram também as empresas que trouxeram o vestuário típico do esporte para o Brasil, com um estilo mais “urbano e confortável”, o que era difícil de se encontrar antigamente.

Embora as mulheres este-

jam ganhando mais espaço, ainda precisam vencer a barreira do preconceito. Vitória diz que muitas vezes ouve na pista “Você anda bem, anda igual menino”.

Apesar de ser um esporte milionário, o skate ainda sofre muito preconceito. Porém, essa visão tende a mudar, uma vez que o esporte se tornou modalidade olímpica nos jogos de 2020. Serão 40 mulheres competindo em Tóquio. ■

# Judô para Todos muda vida de atletas deficientes

CERCA DE 60 ATLETAS DA APAE DE RIBEIRÃO PARTICIPAM DO ESPORTE E COMPETEM ATÉ MESMO NO EXTERIOR

**AGENOR FILHO**

“O judô mudou minha vida, antes, eu era muito nervoso. Depois que eu passei a praticar o esporte, me controlo mais e até ajudo minha família, além de conhecer outras pessoas e lugares”

Exemplo de superação e luta, Danilo Pacheco, 33 anos, foi diagnosticado com paralisia cerebral ainda na infância. Hoje, tem visto sua vida se transformar graças a um esporte, o judô.

Há quatro anos praticando a modalidade, Danilo já competiu até no exterior. No ano passado, ele participou do Torneio de Ravenna, na Itália que reuniu atletas de 15 países diferentes.

“O judô mudou minha vida, antes, eu era muito nervoso. Depois que eu passei a praticar o esporte, me

controlo mais e até ajudo minha família, além de conhecer outras pessoas e lugares”, afirma.

O atleta participa da Equipe Judô Para Todos, uma parceria entre a APAE de Ribeirão Preto e o Judô Para Todos Brasil.

O projeto desembarcou na APAE graças ao professor de educação física Christopher Rodrigues, que viu no programa uma oportunidade de mudar vidas.

Segundo Christopher, um dos principais desafios é arrecadar o dinheiro para cobrir os custos com os atletas nas viagens, especialmente nas internacionais, como a de Danilo.

Mas, através de campanhas de arrecadações e o apoio de empresas parceiras, é possível realizar os sonhos dos atletas da APAE de Ribeirão Preto.

Em 2017, Christopher, foi convocado para participar da comissão técnica da Equipe Brasileira do Judô Para Todos. Para competir oficialmente, os atletas deficientes precisam passar por uma classificação funcional que é feita com base nas limitações técnicas e físicas de cada um.

Segundo o técnico, os atletas precisam treinar pesado, dormir cedo e alimentar-se corretamente.

“Nós focamos na autonomia dos atletas, delegamos responsabilidade e planejamos metas de comportamento, para que em eventos futuros eles possam ser independentes e não precisem da nossa companhia”, afirma Christopher.

Danilo já está pré-convocado para as próximas competições da seleção brasilei-

ra do Judô Para Todos, e sua participação inspirou outros atletas. “A empolgação do Danilo com a viagem e com os treinos pesados foi tanta, que despertou interesse nos outros colegas da APAE”, complementa o professor.

Matheus Alves, de 23 anos, diagnosticado com deficiência intelectual, é outra aposta da APAE de Ribeirão Preto no Judô Para Todos.

“Depois que Danilo voltou do campeonato, Matheus passou a treinar ainda mais, ganhou o segundo colocado na Seletiva Regional de Atletismo conseguindo vagas para as Olimpíadas das APAES”, finaliza o técnico.

Além do Judô Para Todos, os alunos da APAE de Ribeirão Preto participam de outros projetos, como “Associação Enso de Judô”,

da Associação Recreativa de Ribeirão Preto.

Em 2017, a equipe apresentou ótimos resultados, com 33 medalhas conquistadas durante três etapas do Campeonato Paulista (Fase Regional, Inter-Regional e Final) e uma boa participação na Copa São Paulo, com 2 bronzes conquistados.

No mesmo ano, a equipe recebeu o prêmio de destaque no judô, graças ao seu desempenho em 2016.

Além das parcerias, a APAE de Ribeirão Preto oferece outras atividades esportivas, como jogos de dama, dominó, futsal, natação e atletismo, ministradas pelo professores de Educação Física, Christopher Rodrigues, Regina Floriano com acompanhamento do fisioterapeuta, Giovanni Toso. ■

# A arte de ser drag

AS DRAG QUEENS RIBEIRÃO PRETANAS SUSI FERREIRA E RAMONA QUEIROZ ANITTA CONTAM UM POUCO SOBRE A VIDA DE PERFORMISTAS

LORENA VIEIRA

Drag Queens são personagens criados por artistas performáticos que se fantasiam, cômica ou exageradamente, com o intuito profissional artístico. Na maioria das vezes, se apresentam em boates e bares LGBTQ+, embora existam drags que fazem eventos para o público misto, como animação em festas de casamento, debutantes, formaturas e outros.

Na história o termo surgiu em meados de 1800, que era - e ainda é - qualquer homem que se vestisse de mulher com propósitos teatrais. Na época, inclusive, era muito mais aceitável e respeitável um homem viver uma mulher em palco do que uma mulher de fato seguir a carreira de atriz.

Albner Valentino, que interpreta Susi Ferrari, diz que ser drag queen é a magia de transformar. “É trazer para o corpo masculino o estereótipo de uma mulher. É o exagero, a alegria, o colorido. É levar diversão para as pessoas”. Ele ainda completa que para ser transformista (termo também usado) não tem que ser, necessariamente, homossexual, que é o seu caso. “Drag queen nada mais é que um ator se transformando. Eu mesmo sou um homem hétero e a Susi Ferrari está presente na minha vida há mais de 15 anos”.

Inclusive esse tópico do assunto costuma causar muita confusão entre as pessoas devido à relação drag queen - gay. Por isso, vale pontuar que drag queen e travesti, como muitas vezes esses personagens são chamados, são coisas completamente diferentes. Travestis, ou transgêneros (termo mais usado), são homens que gostariam de ser mulheres e se vestem como tal o tempo todo. Sofrem com o fato de “nascerem no corpo errado” e o modificam com cirurgias plásticas e hormônio feminino para mudarem geneticamente. Já drags são personagens, normalmente, de trabalho.

“Drag queen não é uma expressão de gênero. Quando a gente fala de expressão de gênero, a gente fala de uma

Na história o termo surgiu em meados de 1800, que era - e ainda é - qualquer homem que se vestisse de mulher com propósitos teatrais. Inclusive na época, era muito mais aceitável e respeitável um homem viver uma mulher em palco do que uma mulher, de fato, seguir a carreira de atriz.

coisa que vive no nosso dia a dia. As drags não vivem de drags no seu dia a dia. É um personagem e gênero não é personagem”, explica Carlos César, artista performista da personagem Ramona Queiroz Anitta.

É possível dizer que, atualmente, drags são tão populares que beiram quase o mainstream. Estão nos teatros, no cinema, em festas e, principalmente, nas redes sociais. Pablo Vittar que o diga! O cantor vem se tornando um fenômeno no mundo dos holofotes brasileiro - ainda que haja discordância de muitos em considerá-lo como tal. Mas quem popularizou ainda mais a arte, até mesmo para os leigos, foi RuPaul, com seu reality show RuPaul’s Drag Race.



Susi Ferrari se arruma para uma apresentação

## A DRAG NA MÍDIA

A mídia, de uns tempos para cá, vem dando mais destaque às minorias, categoria na qual as drags se encaixam. Um exemplo disso são duas novelas globais que abordaram o tema recentemente: Pega Pega, trama das sete de 2017, onde Rúbia (Gabriel Sanches) e suas colegas trabalhavam na boate Strass; e A Força do Querer, trama das

21h deste ano, na qual Elis Miranda, a versão feminina de Nonato (Silvero Pereira), foi a deixa para falar sobre diversidade sexual, quebra de tabus e a diferenciação entre o assunto, além da trama de Ivan (Carol Duarte), um transexual.

Ainda assim, ser um transformista ainda não é fácil. “Falta muita oportunidade no cenário de trabalho de Ri-

beirão Preto, sem contar o preconceito que ainda existe, principalmente pela confusão que as pessoas fazem entre drag e travesti. E convenhamos, a sociedade não aceita 100% nenhuma das duas condições”, conta Carlos. “Em termos econômicos, é difícil sobreviver apenas sendo performista, mas, assim como outras drags da cidade, eu consegui”, completa. ■



O programa de TV RuPaul Drag’s Race faz sucesso entre o público brasileiro

# Feridas do passado dificultam relacionamentos

RECOMEÇAR VIDA AMOROSA É UMA MISSÃO COMPLICADA, PRINCIPALMENTE PARA QUEM PASSOU TANTO TEMPO A 2

JOICE SOARES

Solteira há dois anos, a professora, Daniela Defelippo conta que não quer se envolver seriamente com ninguém. Ela sai apenas para se divertir, distrair, no máximo tem alguns “ficantes” sem compromisso e não pretende casar novamente. “Não confio mais em ninguém, é muito estranho, tudo que as pessoas falam para mim dou risada, acho que é mentira”.

Assim como Daniela, a pedagoga Denise Márcia está solteira há quase dois anos. Ela tenta aproveitar seus momentos sozinha, às vezes sai e até já arriscou alguns encontros. Entretanto, não consegue se envolver, há sempre uma sombra em seus pensamentos e sentimentos. Ao olhar para um homem pensa: “Eu não consigo, é claro que não são todos iguais, mas mesmo assim ainda não consigo”.

Já para a educadora social Adriana Ezequiel envolver-

-se está mais relacionado à sua autoestima, porque ainda não se sente bonita e segura. Está em busca de melhorar, tenta se arrumar mais e se valorizar. Por enquanto, tenta encarar o momento sozinha para se dedicar as filhas, pois não quer se machucar mais.

Quando o divórcio se torna traumático, torna-se complicado a vida de solteira e essa situação aconteceu com todas as mulheres citadas. Casada durante sete anos, Da-

niela resolveu por um fim no enlace após descobrir por meio de um pen drive a traição do ex-cônjuge com uma parente próxima. No mesmo pen drive, encontrou fotos do ex-marido no motel com outro familiar. “Eu sabia que algo estava errado, mas nem imaginava”, relata.

Denise casou aos 16 anos, mas logo no início do casamento já via indícios que não seria como sonhava. De família tradicional evangélica

e por medo, manteve-se casada até os 32 anos. Mas, relata que desde o terceiro mês de casamento já era traída pelo parceiro. “O que pesou foi a vergonha, iria envergonhar meus pais, toda a igreja, eu fui empurrando com a barriga”, diz.

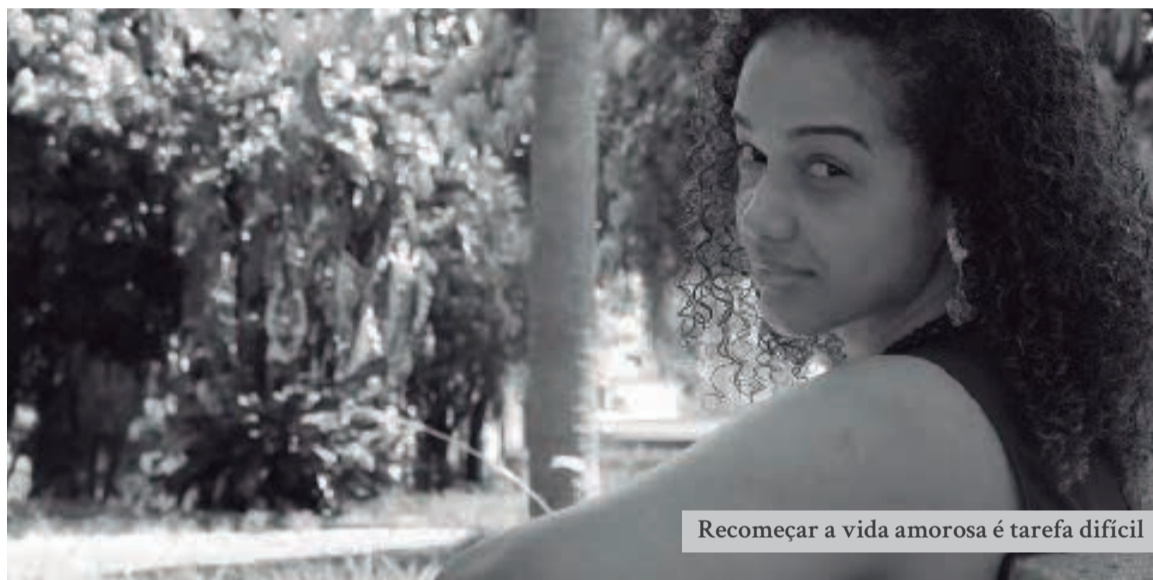
O acúmulo de traições se tornou um fardo pesado demais para Denise, principalmente, porque ele a traía com membros da família. Então, há cerca de 1 ano e 6 meses,

Denise resolveu pôr fim na relação. “Foi um baque muito forte, ele me traiu com minhas irmãs”. Após a descoberta, Denise resolveu perdoar suas irmãs, pois não queria se alimentar de sentimentos ruins, pois isso só a prejudicaria. Entretanto, sua autoestima ficou muito abalada.

Outro motivo que manteve o casamento por mais tempo foi o fato de terem um filho especial, com uma doença causada pela incompatibilidade de genes dos pais.

“Ou seja, nós nunca deveríamos ter casado”, afirma. O filho é uma das preocupações de Denise ao procurar um novo relacionamento, pois tem medo da reação dele, já que a separação dos pais já foi bem traumática.

Enquanto Adriana foi traída há oito anos e a traição se repetiu com a mesma pessoa, só que da última vez a infidelidade gerou um filho. Cansada da situação e ao ponto que sua relação chegou, decidiu colocar um fim na união de 20 anos. ■



Recomeçar a vida amorosa é tarefa difícil

# Brasil é o país com maior número de pessoas ansiosas

SINTOMAS INCLUEM BOCA SECA, TREMORES, CORAÇÃO ACELERADO E PREOCUPAÇÃO EXCESSIVA COM O FUTURO

MARIA JULIA PETRONI

*Coração acelerado, insônia, tremores, boca seca e preocupação excessiva são alguns sintomas que acometem pessoas no mundo inteiro e são considerados diagnóstico para um quadro clínico denominado: Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG)*

A ansiedade começou a ser estudada em 1895. Foi nesse ano que o psicanalista Sigmund Freud escreveu sobre a “neurose de ansiedade”, classificando-a em duas etapas: um quadro saudável de sentimento de medo ou expectativa que se manifesta momentos antes de uma determinada situação acontecer; a segunda é a do sentimento aterrorizante dessa mesma situação mas que causa sintomas persistentes que fogem ao controle do indivíduo, podendo desencadear várias outras disfunções como: ataques de pânico, transtorno obsessivo-compulsivo, estresse pós-traumático e fobias.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) divulgou em seu último relatório sobre o tema, apresentado ao público em fevereiro do ano passado, que o Brasil é o país de todo o planeta que possui o maior índice de pessoas sofrendo de ansiedade.

De acordo com o estudo, esse mal atinge 9,3% da população brasileira. O problema de saúde pública ataca principalmente jovens em transição para a vida adulta.

“Sempre tive ansiedade, mas nunca consegui enxergar como um problema. Por ser uma pessoa elétrica, achei que fosse algo normal”, afirma Patrick Bezerra, de 33 anos.

Há dez anos, ele já vinha percebendo essa agitação tomando conta de sua vida.

Mas foi só quando os problemas de insônia, falta de memória, de atenção e alguns sintomas começaram a atrapalhar seus afazeres diários, o que o fez pensar que estava com problemas cardíacos, que ele decidiu pro-

curar um médico, realizou uma bateria de exames e foi diagnosticado com o TAG (Transtorno de Ansiedade Generalizada).

Segundo o consultor de sistemas, o tratamento com um profissional foi de extrema importância para autoconhecimento e identificação de questões da vida que ficam estagnadas e causam preocupação, por exemplo, suas responsabilidades no trabalho.

Além disso, Bezerra aconselha que realizar atividades físicas e manter uma alimentação saudável tem grande importância na recuperação desse quadro.

Já a estudante Giovanna de Souza, de 17 anos, conta que desde a infância sentia sintomas como aftas na boca, dores de barriga e desmaios em dias que antecediam datas especiais.

“Quando tinha que apresentar trabalho na frente da sala ficava muito mal, não queria ir e gaguejava demais, inclusive minha mãe

e os professores da escola ficavam bravos comigo”, lembra a estudante.

O quadro, que não foi tratado no momento mais adequado, acabou se agravando durante o ano passado, quando chegou a época do vestibular, e evoluiu para um diagnóstico ainda mais grave, de depressão.

“Há um ano faço tratamento com remédio e psicólogo. Sinto que minha ansiedade diminuiu bastante. Mas hoje ainda enfrento situações difíceis. Quando vou andar de ônibus, imagino situações improváveis, como a sensação de queda ao descer ou de perder o ponto e fico muito nervosa”, afirma Giovanna.

## O QUE FAZER?

Para o psicólogo pós-graduado em saúde mental, Márcio Ferreira a ansiedade só costuma ser tratada quando o paciente sente que o seu desenvolvimento em suas atividades decai e a preocupação o impede de reali-

zar seus compromissos e se organizar normalmente.

De acordo com a gravidade de cada caso, a via medicamentosa é indicada, mas há estudos que comprovam que o tratamento com medicamentos só são realmente eficazes quando realizados em conjunto a psicoterapia, pois eles até aliviam os sintomas mas não atacam as causas principais desse transtorno psicológico.

“Hoje existe uma cobrança muito grande em cima das responsabilidades. Temos medo de errar, tomar decisões e passamos a não saber lidar com os sentimentos. O grande desencadeador está na necessidade de aprovação do outro e de nós mesmos”, diz.

“Excesso de futuro e preocupação com o que vai acontecer lá na frente impedem os jovens de se programarem e focarem no agora e os impede de passar por determinada situação de maneira natural.” complementa o psicólogo. ■

# Por mais tempo, usuários abandonam redes sociais

FACEBOOK, INSTAGRAM, TWITTER E CIA. ROUBAM TEMPO QUE PODERIA SER GASTO COM OUTRAS ATIVIDADES COTIDIANAS

**GUILHERME FARIA**

Você já parou para pensar quanto tempo passa no celular? Quanto tempo fica checando o Whatsapp, Facebook, Instagram? Já se pegou precisando fazer algo importante, mas entra automaticamente em alguma dessas redes atrás de atualizações?

O uso das redes sociais é uma via de mão dupla. Pode ser benéfico para conseguir informações com rapidez, mas por outro lado pode ser prejudicial até para a saúde de quem utiliza. Foi pensando nisso que uma série de pessoas decidiu nos últimos tempos apagar todas as contas das redes sociais.

O estudante Felipe Sant'Anna é um deles. O estudante de direito optou há cerca de quatro meses por excluir suas contas do Facebook e Instagram.

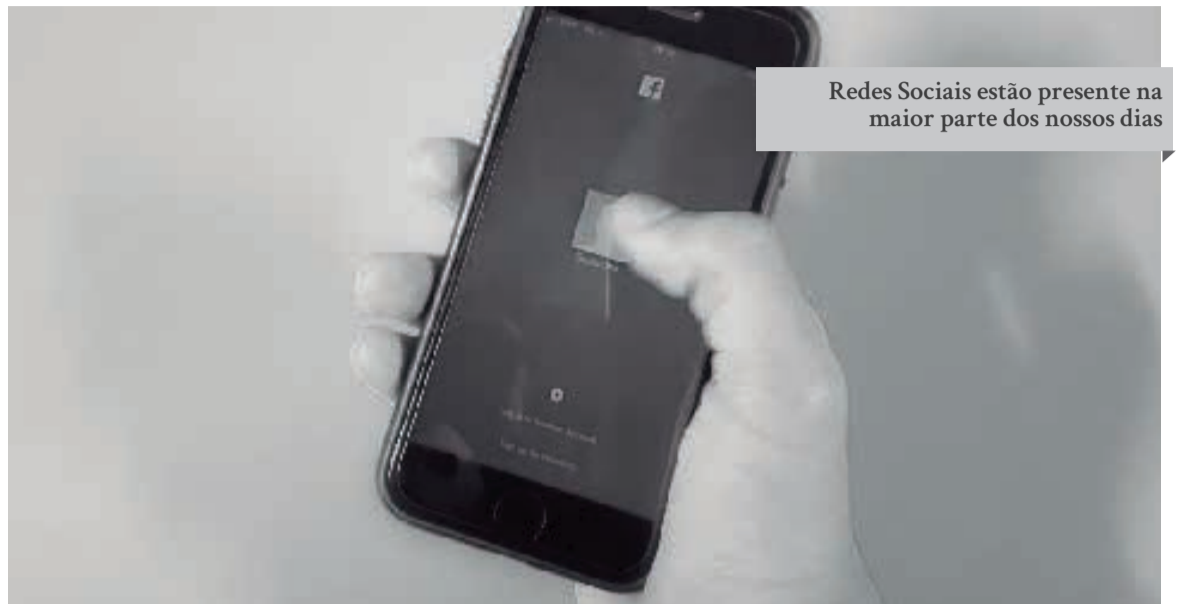
Para ele, essa decisão foi essencial em sua vida, uma vez que não conseguia conciliar os estudos e o estágio com sua vida na internet. "Eu entrava nas redes sociais com muita frequência,

quando estava trabalhando sempre estava lá, olhando e querendo saber tudo que estava acontecendo. Na faculdade era ainda pior, durante a aula sempre ficava conectado no Instagram principalmente".

A decisão de excluir as redes sociais não foi fácil para Felipe, mas foi necessária quando ele percebeu que estava atrapalhando sua vida. O estudante relatou que tomou essa decisão quando estava perto de se prejudicar nas provas do final do semestre.

"Eu estava com muito pouco tempo para estudar, as provas estavam chegando e o estágio tomava muito meu tempo. Sempre que tinha um tempinho entrava nas redes sociais ao invés de focar nos exames. Daí tomei essa decisão. Nos primeiros dias, quase voltei atrás, mas com o tempo fui me adaptando e hoje estou bem, desconectado de tudo."

Então todo mundo deve excluir suas contas? "Se puder aconselhar alguém, não diria para excluir todas as redes sociais de uma vez,



Redes Sociais estão presente na maior parte dos nossos dias

diria para tentar equilibrar seu tempo, saber a hora certa de entrar no Facebook por exemplo. O meu caso era que realmente não conseguia me desconectar, por isso decidi cortar tudo de uma só vez. Mas se você for capaz de diminuir aos poucos eu acredito que seja a melhor opção."

## IRRITAÇÃO

Enquanto uns excluem porque passam muito tempo conectados, outros excluem porque se irritam com as muitas postagens que veem. Esse é

o caso da estudante de recursos humanos Rafaela Castro.

Ao invés de aproveitar as redes sociais quando entrava, Rafaela se irritava, pois não concordava com as postagens que via. "Eu não via mais sentido em tudo que lia, as postagens não me agregavam em nada, e quando algo não me acrescenta eu excluo".

Além dos jovens que respiration esse mundo da tecnologia, as crianças de hoje entram muito cedo nessa espécie de esfera virtual. Basta prestar atenção a um am-

biente com crianças e contar quantas delas portam algum aparelho eletrônico, como um iPhone ou um iPad.

O sociólogo Luiz Rufino, que estuda esse "comportamento", acredita que não dá para fugir da tecnologia. Por outro lado, diz que os pais podem impor limites e checar com frequência o conteúdo que seus filhos acessam todos os dias.

"É necessário saber para qual finalidade a tecnologia está sendo utilizada, os pais devem ter atenção em relação ao que seus filhos veem na internet". ■

# Ribeirão-Pretanos trocam cervejas de rótulos famosos por arte de produzir bebida dentro de casa

HOMEBREWS, COMO SÃO CONHECIDOS, CONTAM COMO A "BRINCADEIRA" CURIOSA VIROU PAIXÃO PELA CERVEJA

**THUANY SANTOS**

Se for à casa do porteiro Thiago Lima, não espere que ele sirva uma cerveja de marca conhecida, ou melhor, não espere uma cerveja de marca nenhuma. O que ele te oferecerá é algo que se tornou sua paixão: a produção artesanal de cerveja.

Lima fabrica em casa 50 litros da bebida por mês. Ele fala que estudou durante oito meses para começar a produção e, por isso, já consegue descrever as principais diferenças entre a cerveja artesanal e as de massa. "Dentre as diferenças estão a textura, o sabor... Mas o ingrediente principal é o carinho. Sem dúvidas, é o hobby que mais gosto de praticar; é prazeroso e me satisfaz".

Segundo dados da Cooperativa Cervejeira do Brasil, são mais de 600 pessoas co-

operadas que vão até a loja, localizada na zona oeste de Ribeirão Preto, e compram os ingredientes para a produção da bebida. A maioria deles é de cervejeiros caseiros.

A paixão pela produção artesanal também chegou até o gerente de produção João Paulo Bielli. Ele começou a beber cerveja como a maioria das pessoas: iniciou pelas consideradas mais famosas, mas, influenciado por um amigo alemão, passou a preferir os produtos artesanais.

Bielli não pensou duas vezes. Passou para a produção caseira e explicou que a produção de cerveja em casa é apenas questão de estudo. "Eu sempre fui muito autodidata, então comecei a estudar, iniciei pesquisando o processo de fabricação e equipamentos, pela internet", relata.

A cada vez que fabrica, o cervejeiro amador faz 50 li-

tros de cerveja. E isso é uma "desculpa" para se aproximar, ainda mais, de quem ele ama. "A cerveja é o que mais une as pessoas aqui em casa. Quando fica pronta e você vê que deu certo, é fantástico, não há dinheiro que pague", finaliza.

## CASAL CERVEJEIRO

Anelise e Thiago Beraldo descobriram juntos o amor pela cerveja artesanal. Em um passeio a Poços de Caldas, Minas Gerais, tomaram pela primeira vez uma cerveja de trigo.

Após o episódio, nunca mais pararam de consumir esse tipo de cerveja. Pesquisaram a fundo tudo que tomavam e os equipamentos para produzir a bebida. "Um dia o Thiago chegou com todos os equipamentos e insumos comprados. Foi uma surpresa e logo colocamos a mão na massa", relata.

Dando início a produção, em 2015, nunca mais para-



Produtor caseiro de cerveja

ram. "Em nosso apartamento produzimos 20 litros por mês. Não contamos o que gastamos. O que realmente importa para nós é a satisfação e a realização de ter ficado como queríamos", disse.

Para o casal, a atividade perderia a essência se o uti-

lizassem para fins lucrativos. "Hobby significa diversão e prazer, não queremos agrandar o comércio, mas agradar a nós mesmo, família e amigos. Além disso, a atividade só aumentou a intimidade e o amor entre eu e meu marido", finaliza Anelise. ■

# Tatuagem é estilo de vida para além da juventude

TATUADOS DESDE A JUVENTUDE, RENATO, IRIAN E BARTHÔ NÃO ESCONDEM SUAS PERSONALIDADES, APESAR DAS IMPOSIÇÕES

MARIA J. CHIAVENATO

Renato Santini Pipa ainda caminha com dificuldades. Está se recuperando de um AVC, sofrido no final do ano passado. A companhia obrigatória da bengala lhe serve como fonte de diálogo.

Ele gosta de conversar papos inimagináveis com esse pedaço de madeira. Não é sua única diversão, gosta também de conferir cada uma das 79 tatuagens que cobrem o seu corpo, distribuídas sem economia. Ele tem 58 anos, duas filhas, dois casamentos e muitas histórias para contar.

A primeira marca no corpo foi feita aos 24 anos, já casado e quase pai. Foi “vitima”, de uma balada. Saiu com amigos paulistanos, morava em São Paulo, e serviria apenas como companhia de aventuras. No estúdio de tatuagens, deparou-se com uma holandesa, loira e de sotaque sensual. Daí foi convencido de tatuar um cavalo no peito, questão de poucos minutos e muitos olhares.

“Em casa, para esconder a feição de meu pai, um italiano bravo, tive que andar de camisa o tempo todo, mesmo no verão”, lembra com humor. Ele quase desistiu quando a loira holandesa sentou em seu colo e iniciou os trabalhos. “Doeu muito”.

De tempos para cá, Renato foi se acostumando com a dor física. Hoje exibe ao todo 79 desenhos ou frases que interpretam cenas ou acontecimentos de sua própria vida.

Alguns surgiram do acaso, outros por impulso (bebedeira seria um termo mais apropriado) mas quase todos motivados por alegrias ou decepções. Os amores estão registrados: esposas e filhas, a forte admiração por animais, tartarugas e cavalos, e também as andanças pela vida, além de viagens inesquecíveis.

“Tatuagem agora é moda, mas nem sempre foi assim. Em minha época de juventude, por exemplo, era sinônimo de vagabundagem ou coisa pior. Algo a ver com marginalidade mesmo”, afirma.

Os tempos mudaram. O que ontem eram apenas pequenas e desconexas frases hoje são mandalas, tigres, dragões, futebol, caras e bocas. Os “curiosos” se transfor-

maram em profissionais que percorrem o mundo todo. “Não existe mais espaço para o improvisado. Correr riscos desnecessários é falta de maturidade, quase burrice”, alerta Pipa.

## AOS 50

O advogado Barthô Rodrigues e o economista Irian Machado são outros adeptos “veteranis” das tatuagens que contam um pouco de suas histórias, tristes experimentos em pleno século 21.

Barthô tem 55 anos e está crescendo em um amplo e bem-sucedido escritório de advocacia. Já foi sondado para tornar-se um dos sócios cotistas. Irian, 51 anos, é funcionário de destaque em uma empresa estrangeira de investimentos, atua no setor de captação de recursos. De forma discreta, às vezes, ou explícitas, quase sempre, são “recomendados” a não exibirem suas marcas na pele.

“Bobagem imaginar que não existe preconceito ou que a sociedade não se importa e nem se deixa influenciar pelas tatuagens que carregamos”, lamenta Barthô.

O advogado possui boa parte dos braços coberto por marcas da juventude. Quase todas tribais, uma paixão que alimenta desde a adolescência. Algumas contam histórias de sua biografia, outras são apenas ideias que teve ao longo da vida. O peito também é marcado por alguns desenhos.

“Sempre gostei, é paixão mesmo. E mesmo sob censura da esposa e dos empregadores, ainda penso em continuar essa história”, conta, com sinceridade.

A última marca deixada em seu corpo foi registrar exageradamente o nome de filho no braço esquerdo, em japonês. Apesar de o desenho quase nunca ficar visível, pois ele trabalha de mangas longas e paletó, ainda assim tem orgulho e satisfação de compartilhar a última tatuagem de sua coleção.

“Respeito a opinião de quem pensa o contrário, mas jamais vou abdicar do meu direito de pensar e agir conforme meus próprios princípios”, finaliza.

Trocar a profissão ou desafiá-la a sociedade para exibir os sonhos pessoais?



Para muitas gerações, tatuagens são histórias desenhadas pelo corpo

“Não, nem de longe. Posso ser sonhador e respeitar meus sonhos, mas sei que vivo em sociedade e ainda dependo de parte dela para sobreviver. Enquanto der, vou sobrevivendo”, comenta.

Irian está longe de ser rico. Ainda assim, tem acesso a milhões de dólares ao final de cada dia. Ele é administrador de investimentos financeiros na zona sul de Ribeirão Preto.

Está habituado a cadastros fortes e sólidos de empresas e pessoas físicas. Para man-

ter as aparências que o banco internacional exige, ele veste todos os dias camisas de mangas longas de cores lisas e gravatas discretas. O paletó só é dispensado quando atende no interior da agência.

“Mesmo quando a ocasião não exige o traje completo, não posso e nem venho trabalhar com camisas de mangas curtas. Um diretor nacional do banco já veio falar comigo e ‘sugeriu’ esconder as tatuagens dos braços e peito”, lembra Irian.

Ele já se habituou ao silêncio sobre a paixão corporal. Gostaria que essa situação fosse diferente, mas submete-se a isso por causa de questões econômicas.

“Em todo momento, fora do banco, frequento clubes e tenho uma vida social normal, embora sem ostentação. Quem sabe um dia viro investidor e possa frequentar meu local de trabalho sem restrição ou imposição”, finaliza. ■

# Grupo de Ribeirão mantém viva tradição dos fanzines

POLÍTICA, CRÍTICA SOCIAL, SUPER-HERÓIS E ATÉ COPA DO MUNDO FAZEM PARTE DO REPERTÓRIO DE TEMAS DAS PUBLICAÇÕES

MARTINA COLAFEMINA

São seis da tarde de um domingo de final do Campeonato Paulista na Livraria da Travessa. Em uma mesa no mezanino acima da loja, Angelo Davanço grampeia os fanzines do último encontro. Na mesa estão também Alexandre Nascimento, Lucas Lourenço, João Francisco Aguiar e Tarso Eric, que contribuem em quase todas as edições com desenhos. “Para participar é só chegar. A gente se encontra em todo primeiro sábado do mês e quando acaba já decide o tema do próximo zine”, explica o jornalista enquanto termina as edições

Angelo é criador do zine “A Falecida”, que completa 27 anos em 2018. Desde o primeiro número, ele não parou mais de usar a publicação como ferramenta para expor suas ideias. O Travessão surgiu dessa iniciativa do fanzineiro.

O nome é uma clara alusão à livraria, que segundo Angelo, cedeu gentilmente o espaço para os encontros. “No primeiro encontro a

gente vai bater um papo pra saber se você conhece o fanzine, como é feito e saber o que você faz”, explica e destaca que essa conversa é bem informal

Enquanto Alexandre desenha uma caricatura bastante fiel aos Beatles, tema da edição a seguir, Angelo explica que os temas são escolhidos ao sabor da vontade dos fanzineiros no momento do encontro. Política, críticas sociais, super-heróis, Beatles, o próprio fanzine... tudo é um bom tema. Até mesmo a Copa do Mundo

Enquanto Arnaldo Junior, terminando uma colagem, sugere que eles façam uma espécie de álbum de figurinhas para a provável edição de junho, Angelo e Lucas explicam que tudo é feito à mão, do boneco aos “efeitos especiais”. “O meu primeiro fanzine eu fiz sozinho, fui a um workshop do Angelo e aprendi sobre a paginação, fazer o boneco. Tudo foi feito à mão. Xerquei e trouxe na edição passada para o pessoal”, conta Lucas. Na edição mais metalinguística do projeto, sobre o próprio zine, eles fizeram



Reunião do Travessão

barquinhos de papel com gibi para representar “um veículo para as ideias viajarem livres”, colado na última página. Zine por zine

A distribuição das publicações é mais um item que fica por conta de quem produz. Tudo é válido. Desde sair distribuindo mão a mão até mobilizar todos na ajuda da distribuição, como é o caso do Travessão. Depois de pronta, a matriz do zine é xerocada em quantas cópias forem necessárias, grampea-

da e distribuída pela própria Travessa. Quando alguém faz uma compra, leva de cortesias o Travessão na sacola.

Para Arnaldo Neto e João Francisco Aguiar, o zine também é o caminho para a educação. “Trabalho esse formato nas aulas de português. Incentivo os alunos a produzirem textos e colagens e passamos isso pro fanzine. Assim, eles têm a oportunidade de aprender sobre diagramação, pegam em papel, tesoura. E o que

eles escrevem circula entre eles”.

João também cuida da zineteca anexa à biblioteca da Cerâmica São Luiz, chamada de “Glauco Vilas Boas” em homenagem ao cartunista. Na semana do encontro do Travessão, João Francisco ministrou a primeira oficina de zines. “Mesmo com a facilidade de hoje da internet e dos blogs, fazer o fanzine, ter essa publicação física sobre seus assuntos preferidos é mais divertido”, conta. ■

# Gilberto Abreu prepara romance sobre filósofo

ESCRITOR PREMIADO SE APROFUNDA SOBRE O “SÉCULO DE OURO HOLANDÊS E A VIDA E OBRA DE BARUCH SPINOZA

EDSON ALVARES

“A extraordinária beleza deste mundo não se encontra apenas no que se pode ver. Nem mesmo é o meramente visível. Sequer o observado pelos nossos olhos cansados. Está além e aquém, no desmedido. No incomensuravelmente grande e no pequeno. As lentes nos ajudam a percebê-la, pois nos trazem o distante, aproximando-o. Também o minúsculo quando amplificado.

Entre esses extremos há um oceano de mistérios indecifráveis. O fanzine ou zine é uma publicação feita pelo fã, que serve para difundir a arte e as ideias de quem o produz. s, nos interpretam os seus meandros insondáveis.

As lentes, reais ou imaginárias, são as metáforas com as quais fazemos a leitura da extraordinária beleza deste mundo.(...)”

O texto ao lado, cedido com exclusividade ao Jornal do Ônibus, é do professor, escritor e político Gilberto Andrade de Abreu. Trata-se da abertura de seu nono livro, o “O Polidor de Lentes”, ainda em fase de preparação. O romance discorre sobre o filósofo Baruch Spinoza e a “era de ouro” holandesa, período de independência, enriquecimento e destaque no comércio, artes, ciências e filosofia dos Países Baixos.

Como todo jovem judeu aprendia um ofício, Spinoza, nascido em Amsterdã, em 1632, dedicou-se a polir lentes, atividade que exerceu até sua morte, em 1677, em Haia. Mas suas obras o tornaram reconhecido em vida, tanto que a realeza francesa, depois de alguma insistência, conseguiu lhe pagar uma pensão para que vivesse dos livros.

“Desta vez com mais disciplina, tentarei expor as minhas emoções e as dos meus

contemporâneos com o mesmo compromisso ético de uma visão crítica sobre a nossa sociedade, que se caracteriza, ainda, pela desigualdade e a injustiça”, diz Abreu. “Veremos”, acrescenta.

Laureado com o Prêmio Nacional de Literatura Guimarães Rosa, pelo governo de Minas Gerais, pelo romance “Mande Beijos a Gardel”, de 1991, Abreu é nascido em Passos (MG). Mudou-se para Ribeirão Preto na década de 1970 e aqui fez sua carreira como professor, escritor e político. Já foi secretário municipal da Cultura e do Meio Ambiente e vereador por dois mandatos.

Professor de Humanidades há mais de 40 anos, formado em Ciências Sociais com especialização em História Moderna e Contemporânea, Abreu concluiu, em 2017, doutorado em Educação pela Unicamp. A tese lhe rendeu

o livro “A Deserção da História”, lançado no ano passado.

O autor escreveu ainda “Feto Outonal” (poemas, de 1975), “A Minha Primeira Morte” (poemas, de 1982), “Chão do Mundaréu” (contos, de 1985); “Nossas Roupas Comuns Dependuradas” (romance de 1996), “Globalização para quem?” (ensaio de 2002) e “Lorca Balada Louca” (poemas, de 2008).

“Mande Beijos a Gardel” foi escrito como um roteiro cinematográfico sem preocupação de continuidade, de começo, meio e fim. “Depois da revolução tecnológica, sobretudo da profusão de imagens que recebemos, diariamente, escrever na forma tradicional é um desrespeito ao leitor, à sua inteligência”, afirma o escritor.

Abreu leu a maioria dos clássicos ainda na adolescência e lê compulsivamente até hoje. Na literatura, os grandes

romancistas brasileiros que o influenciaram foram Machado de Assis, Lima Barreto, Graciliano Ramos e João Guimarães Rosa. Dentre os poetas, Drummond, Manuel Bandeira e João Cabral de Melo Neto. Na literatura portuguesa, a trindade romântica Castelo Branco, Almeida Garret e Alexandre Herculano; além de Eça de Queiroz, Mário de Sá Carneiro, Miguel Torga, Fernando Pessoa, José Saramago e, atualmente, Walter Hugo Mãe.

“Outra fonte foram os russos do Século XIX: Nicolai Gogol, Dostoiévski, Tolstói, Turgue-niev, Goncharov. Além de um monte de franceses, ingleses, irlandeses e norte-americanos. Nas últimas décadas, um conjunto notável de latino-americanos: García Marquez, Jorge Luiz Borges, Mário Vargas Llosa, Manoel Scorza, Pablo Neruda, Mário Benedetti, dentre tantos”, completa o premiado romancista. ■

# Cidade também tem espaço para card games e RPG's

AMANTES DA CULTURA GEEK SE REÚNEM EM ESTABELECIMENTOS PARA JOGAR E APRECIAR CONVERSAS SOBRE ESSES JOGOS

**EDSON PEGRUSSI JR.**

Pokémon, Yu-Gi-Oh, Magic e Dungeons & Dragons.

Você certamente conhece esses nomes. Mas será que isso é coisa de criança? Não necessariamente. Apesar de a maioria desses jogos terem sido baseados em animações que fizeram bastante sucesso junto ao público infantil, muitas pessoas mais velhas são fãs desse universo.

Essas pessoas são praticantes de card games e RPG's.

Essa cultura teve um pontapé inicial em 1993, nos Estados Unidos, com o lançamento do jogo Magic: The Gathering que foi o primeiro envolvendo a temática estratégica de duelar, juntamente com a construção de um baralho (deck). Já um pouco antes em 1973, surgiam os Role Playing Games, abreviados como RPG. São jogos nos quais os participantes assumem papéis de personagens e criam narrativas.

"Nos card games, eu jogo bastante Yu-Gi-Oh. Já de RPG's gosto um pouco de

Tormenta. Comecei a jogar após recomendações de um amigo que já estava jogando, participei até de campeonatos, mas nada muito grande, pois eu não gosto de jogar competitivamente". Afirmou o estudante Pedro Cardoso, de 16 anos.

Outro jogador que também é amante desses jogos é Nassib Jorge, de 30 anos, que atualmente atua como supervisor comercial.

"Comecei a jogar Magic porque gostei muito do estilo de jogo no qual você prioriza o raciocínio e depende menos de outros fatores para poder se sair vitorioso. Acredito que todo card game ou RPG é interessante, pois eles ajudam a ter uma interpretação das culturas que são inseridas dentro deles", afirma.

## EM RIBEIRÃO

A cidade possui estabelecimentos que comportam esse tipo de cultura. São locais onde pessoas de todos os gêneros e idades se reúnem para jogar amistosamente e até disputar campeonatos.

Tiago Borges, de 34 anos, é um dos proprietários da revistaria PopKai, localizada na Rua Saldanha Marinho, no Centro de Ribeirão Preto, e afirma que os card games e RPG's são um exemplo fiel de troca de conhecimento.

"Nosso estabelecimento possui uma arena, onde recebemos clientes durante toda a semana para jogar tanto card games quanto RPG's, já aos sábados o espaço fica destinado para torneios de Magic e Yu-Gi-Oh. O ven-

cedor de cada evento oficial ganha pontos para participar de campeonatos maiores. Isso prova que não são apenas uma alternativa de lazer".

Outro fã de cultura geek que resolveu apostar nos card games foi Edgar Bitencourt, lojista desde 2012. Aos 29 anos, ele é um dos proprietários da Deckmaster Games, situada na Rua Bernardino de Campos, em Ribeirão.

Edgar afirma que por mais que os card games sejam destinados a um público de nicho

o mesmo é fiel e promissor.

"O público de card games em Ribeirão Preto é persistente. Apesar de por muitos anos não ter tido lojas dedicadas a esse nicho, o público permaneceu. Semanalmente organizamos campeonatos, onde os competidores pagam um preço pela inscrição e todo o valor arrecadado é revertido em crédito na loja para o vencedor. Fora isso, todos os dias recebemos pessoas que querem jogar de forma amistosa", explica o lojista. ■



Jogadores de card games

# Steven Spielberg transforma a carreira de cineasta local

RESPONSÁVEL POR CRIAR A PARÓDIA "TUBARÃO", EDGARD DE CASTRO É DESTAQUE NO MEIO AUDIOVISUAL

**DANIELA ASSIS**

Em 1975, há mais de quatro décadas, o clássico filme norte americano "Tubarão" foi lançado pelo diretor Steven Spielberg e o transformou em um dos maiores cineastas da história. Foi baseado nesta obra que o cineasta ribeirão-pretano Edgar de Castro criou no ano seguinte "Bacalhau" uma sátira do megassucesso. O que ele não esperava é sua obra iria passar nas mãos do diretor.

Produzido por Castro e dirigido por Adriano Stuart,

o criador de "Os Trapalhões", "Bacalhau", é uma paródia do filme de Spielberg e se passa em uma cidade balneária no litoral de São Paulo, onde aparece um peixe de origem desconhecida que começa a fazer vítimas.

Com caravanas realizadas pelo país inteiro, o filme chegou ao astro de Hollywood através dos representantes americanos instalados no Brasil. Ao saber da sátira, Spielberg pediu uma cópia da produção. O ribeirão-pretano descreve o momento como uma realização da sua carreira.

"Em um tempo onde a comunicação era limitada, me senti realizado com a repercussão dessa produção. Meu filme chegar ao Steven foi uma realização profissional e um incentivo à minha carreira" comenta Castro.

Graduado em Direito, ele decidiu não seguir na área de formação e foi para a Europa, mas precisamente na Itália, que através de um amigo de Ribeirão Preto, Jirges Ristun, se aproximou do cinema e desde então nunca mais saiu do ramo.

Em sua volta ao Brasil, o cinema havia sido deixado de ser frequentado por famílias e tinha um apelo mais sexy, então começou com um projeto cinematográfico e produziu uma sátira do livro literário naturalista "A carne", romance proibido na época.

A repercussão do filme fez com que Castro fechasse com uma produtora em que passou a dirigir vários outros filmes, como "Paranoia" e "O pagador de promessas", no qual fez parceria com a distribuidora da Globo e logo em

seguida lançou "Bacalhau" baseado no sucesso do ano anterior que consagrou Steven Spielberg como um dos maiores mestres do cinema.

Spielberg é o diretor que mais tem obras na lista dos 100 Melhores Filmes de Todos os Tempos, seguindo carreira com diversos sucessos de bilheteria, como E.T., O Extraterrestre, a trilogia Indiana Jones e Jurassic Park - O Parque dos Dinossauros. Mas, "Tubarão" foi a primeira obra superar os US\$ 100 milhões de bilheteria em 1975. O filme é considerado um clássico do cinema.

## CENÁRIO

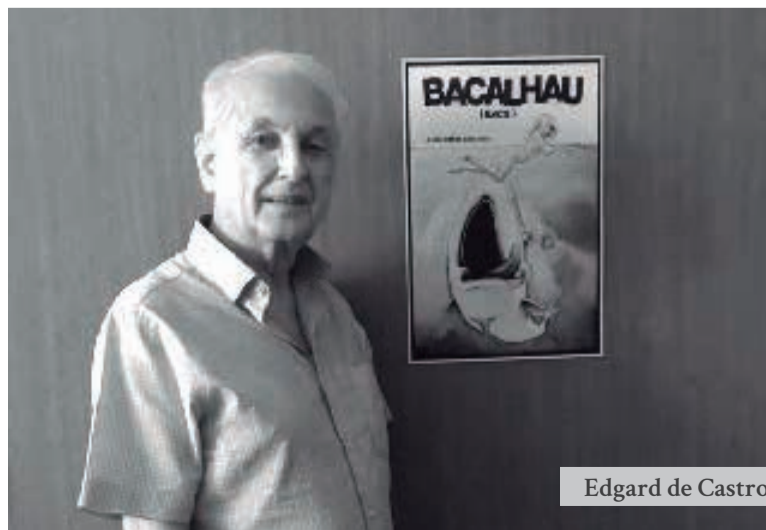
Edgar de Castro é atualmente o Presidente da Fundação Feira do Livro. Ele já lançou 10 produções de cinema, sendo 7 após o sucesso de "Bacalhau". Em 2001, fundou a São Paulo Film Commission, o Núcleo de Cinema, responsável pela parceria entre a Film Commission e a Cervejaria Heineken do Brasil SA para a implantação dos Estúdios Kaiser de Cinema

em Ribeirão Preto. Segundo o produtor, a cidade tem um diferencial no cenário cinematográfico.

"Ribeirão tem os diferenciais competitivos para o desenvolvimento de uma indústria audiovisual. Uma excelente taxa de luminosidade, localização estratégica em relação a São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília, uma das regiões mais ricas do país e um grande centro cultural. Daí a nossa proposta do Núcleo de Cinema e da São Paulo Film Commission".

Com o fundamento de gerar visibilidade, cultura, empregos qualificados, impostos e atrair o turismo, o principal objetivo da São Paulo Film Commission é atrair produções de cinema a um determinado lugar e inserir departamentos com países, estados e cidades para descobertas de localidade na região.

"Este projeto, atualmente anda sozinho e já oferece grandes nomes e filmes para o cenário nacional e internacional", finaliza Castro. ■



Edgard de Castro

# THE OSCAR GOES TO... RIBEIRÃO PRETO



LOURENÇO SANT'ANNA PRODUZIU "ME CHAME PELO SEU NOME", VENCEDOR DO MELHOR ROTEIRO ADAPTADO

## ARTUR MORESCA

Aos 30 anos, o produtor-executivo ribeirão-pretano, Lourenço Sant'Anna acumulou grandes trabalhos realizados no cinema internacional. Um dos filmes de maior destaque produzido por ele foi "Me Chame Pelo Seu Nome", vencedor do Oscar de melhor roteiro adaptado neste ano.

Formado em cinema pela Universidade Federal de Santa Catarina, Lourenço teve a oportunidade de estudar por um ano na Universidade de Nova York, onde adquiriu outro entendimento do mundo cinematográfico, o que segundo ele foi muito importante para o desenvolvimento de sua carreira.

Em entrevista exclusiva ao Jornal do Ônibus, o produtor fala sobre projetos futuros e comenta sobre temas importantes do audiovisual.

**Por se tratar de um drama gay, foi mais difícil chegar ao Oscar com "Me Chame Pelo Seu Nome"?**

Acho que não. Acho que o filme é o que é. Acho que as pessoas se encantaram pelo filme na primeira sessão, que foi no Festival de Sundance do ano passado. As pessoas ficaram muito emocionadas,

gostaram muito do que viram. A partir dali, o filme passou em inúmeros festivais, foi muito bem recebido, ganhou prêmios, ganhou o amor da crítica, do público. E acho que o Oscar foi um reconhecimento fantástico, a gente ficou muito feliz. Mas foi um reconhecimento natural, de um ótimo trabalho da equipe, do diretor, do roteirista, dos atores. Então, acho que não dá pra você dissociar uma coisa da outra.

**Depois de protestos por mais negros e mulheres no Oscar, você acha que a Academia está mudando sua visão?**

Acho que sim, acho que o mundo está mudando. Acho que está havendo uma pressão da sociedade para trazer novos valores para que as coisas sejam um pouco mais igualitárias, e a Academia no fundo acaba refletindo isso. É uma Academia ali de 7,5 mil membros que tem que estar antenada com as coisas do mundo. Acho que no ano retrasado teve a falta de indicação de atores negros, este ano foi a questão do abuso. Enfim, acho que é meio normal que haja esses temas e que eles mudem a cada ano, e acho que são reivindicações naturais. Isso também é para o bem da sociedade, é para o bem de ter

uma maior diversidade em filmes, conteúdos, e acho que isso é positivo, de fato.

**Além da produção você já atuou em outras áreas do cinema?**

Eu trabalhei como assistente de produção, comecei como estagiário em um festival de Florianópolis. Trabalhei muito como assistente de produtor, produzia curtas na faculdade. Mas meu primeiro projeto como produtor-executivo de um projeto internacional foi o "Francis Há" (2012).

**Com a sua experiência no mercado internacional, como você avalia as oportunidades para outros brasileiros?**

Acho que tem uma oportunidade gigante, a nossa experiência mostra que há espaço e que bons projetos acabam sendo acolhidos e reconhecidos. Então, eu acho que vai um pouco da vontade de cada um, da oportunidade de cada um, obviamente. Mas acho que tem tudo pra dar certo. Desde fazer filmes lá fora e que são rodados lá fora da forma que a gente faz, como coproduzir, fazer projetos em parceria com outros países, rodando no Brasil ou nos outros países, (como) Argentina, Chile, Itália, França, na Ásia, enfim, acho que tem muita oportunidade.

**Você tem projetos para produzir outros longas?**

A gente está trabalhando, né? A gente vai começar a rodar o próximo filme do diretor de "A Bruxa" (Robert Eggers), chamado "O Farol". O filme é com Robert Pattinson e com Willem Dafoe. Isso é o que a gente tem programado para rodar. E estamos trabalhando em outros projetos, que por enquanto, não tem nada muito para anunciar.

**Após ter trabalhado em filmes nacionais como "Glauco do Brasil" e "Amor, Plástico e Barulho", você pretende entrar em algum outro projeto nacional?**

Além de trabalhar como produtor executivo na RT Features (produtora de "Me Chame Pelo Seu Nome"), eu sou sócio da Boulevard Filmes e a gente toca alguns projetos lá, fazemos algumas coproduções. Eu gosto muito sim, de estar envolvido com o cinema nacional, na medida do possível, e espero continuar trabalhando com o cinema nacional, sim.

**Serviços como a Netflix são bons para o mercado?**

Eu acho que sim. Na verdade é mais uma forma de consumir audiovisual. A Netflix tem muito recurso pra investir. Eles tem investido muito em séries, em filmes e as pes-

soas gostam, porque é um valor baixo se você for comparar a quantidade de opções que você tem ali com o ingresso de uma sala de cinema, por exemplo. Então acho que assim, de alguma forma nunca se assistiu tanto conteúdo audiovisual como hoje em dia. A garotada assiste Netflix no celular e as pessoas assistem em viagens. Então acho que isso aumentou muito. Óbvio que isso impõe outros desafios né? Hoje em dia é mais difícil você convencer uma pessoa a ir ao cinema, sendo que ela tem tantas opções num aplicativo como a Netflix. Então os filmes tem que se desdobrar um pouco mais, tem que ser mais originais, tem que ter uma chamada com um apelo maior. Mas eu vejo isso com bons olhos. A gente ainda está num momento de transição. Daqui a cinco anos, dez anos, a gente vai ter uma ideia um pouco melhor do que aconteceu exatamente, mas eu vejo com bons olhos. ■

**Nome:**  
Lourenço Sant'Anna  
**Nascimento:**  
03/10/1987  
**Graduação:**  
Cinema UFSC  
**Principais obras:**  
Me Chame Pelo Seu Nome; A Bruxa; Francis Há; Glauco do Brasil; Amor, Plástico e Barulho